

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**VICTOR MARQUES VAROLLO**

**DESAFIOS E OPORTUNIDADES NO PROGRAMA UNIVERSIDADE PARA  
TODOS**

**Campinas**

**2021**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

VICTOR MARQUES VAROLLO

DESAFIOS E OPORTUNIDADES NO PROGRAMA UNIVERSIDADE PARA  
TODOS

Texto de defesa apresentado como exigência para obtenção do título de Mestre em Educação, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, **Área de concentração:** Educação, **Linha de Pesquisa:** Políticas Públicas em Educação. **Orientador:** Prof. Dr. André Pires.

Campinas

2021

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Rizzioli Pires CRB 8/6920  
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

320.6  
V323d

Varollo, Víctor Marques

Desafios e oportunidades no Programa Universidade Para Todos / VíctorMarques Varollo.  
- Campinas: PUC-Campinas, 2021.

107 f.: il.

Orientador: André Pires.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro

1. Políticas públicas. 2. Sociologia educacional. 3. Inclusão social. I. Pires, André.  
II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Humanas e Sociais  
Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

**VÍCTOR MARQUES VAROLLO**

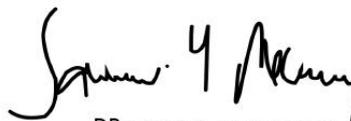
**DESAFIOS E OPORTUNIDADES NO PROGRAMA  
UNIVERSIDADE PARA TODOS**

Este exemplar corresponde à redação final  
da Dissertação de Mestrado em Educação da PUC-  
Campinas, e aprovada pela Banca Examinadora.

APROVADA: 25 de fevereiro de 2021.



DR ANDRÉ PIRES  
Presidente (PUC-CAMPINAS)



DR SAMUEL MENDONÇA  
PUC-CAMPINAS



DRª HELENA MARIA SANTANA SAMPAIO ANDERY  
UNICAMP

## **DEDICATÓRIA**

Aos que lutam por um Brasil melhor.

## **AGRADECIMENTOS**

Evoco a famosa frase de Ortega Y Gasset “Yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo” para iniciar meus agradecimentos. Considero essa compreensão do filósofo espanhol, em que a existência de um “eu” ontologicamente distinto de sua circunstância coabita com a compreensão do “eu” indissociável de seu meio, essencial para refletir sobre o trabalho acadêmico.

O caminho para a escrita da dissertação, que por vezes é solitário e, em certo nível, até melancólico, foi calcado por circunstâncias que hoje observo quase que de maneira cômica. Não tenho uma posição filosófica fechada sobre o destino: momentos o livre arbítrio me convence, momentos me convenço do fatalismo. De qualquer modo, ter produzido esta dissertação me fez ter a compreensão, quase clichê, de que o processo foi muito mais importante que o produto.

A confiança e apoio da minha família, desde o momento em que resolvi cursar Ciências Sociais, dando-me suporte para meu desejo em trilhar a carreira acadêmica, foram fundamentais para que esta dissertação pudesse existir. Agradeço aos meus familiares em geral, pais, avós, tios, irmão e primos. Todos contribuíram de alguma forma para que eu pudesse estar aqui.

Agradeço aos meus amigos, que não só tornaram o caminho do mestrado menos solitário, como contribuíram de maneira fundamental para meu amadurecimento intelectual. Um obrigado especial ao Dionatan Tissot, amigo de longa data e um dos incentivadores para que eu prosseguisse na carreira acadêmica; à Bianca Leis, amiga que me acompanha desde o primeiro dia de graduação, tornando-se uma companheira para além dos muros da universidade; à Amanda Tavares, amiga que pude partilhar da caminhada do mestrado e da vida, além de me proporcionar momentos reflexivos importantes para meu crescimento pessoal; às minhas amigas Maynara Ribeiro, Layla Cristina e Natália Mororó, pelas conversas nos corredores da PUC-Campinas, pelas risadas que tornaram meu processo formativo mais leve; à Angélica Jurity, amiga conterrânea com quem compartilhei tantos momentos reflexivos; à Elenilde Teixeira, amiga e companheira de graduação, com quem compartilhei momentos especiais. Ao meu amigo Caio Brunheira, que, de

camarada na militância, tornou-se um amigo que levarei para vida: obrigado por me ouvir quando precisei, por todas as nossas conversas e discussões políticas. Ao Ary Araújo, pelas discussões políticas e filosóficas, por ouvir minhas teorias malucas e ainda continuar sendo meu amigo. Ao Felipe Quintas, com quem tive o prazer de ter conversas produtivas e que influenciaram os rumos que minha dissertação tomou: obrigado pelas indicações teóricas que me fez quando eu ainda estava no início do mestrado, e também agradeço aos seus escritos e vídeos, que me convenceram que o trabalhismo é o melhor caminho para emancipação do Brasil.

Agradeço ao meu orientador, André Pires, que me acompanha e orienta desde a iniciação científica. Minha gratidão eterna por ter aberto as portas que permitiram que eu chegasse até aqui, e por toda a contribuição no meu processo formativo. Agradeço também ao grupo de pesquisa do qual faço parte e me orgulho tanto, Educação, Pobreza e Políticas de Inclusão, e a todos membros que passaram pelo grupo.

Agradeço ao meu professor Breno Martins Campos, que além de sempre estar disposto e aberto para ouvir minhas inquietações, incentivou-me a continuar os estudos. Agradeço também ao meu professor Samuel Mendonça, por ter compartilhado um pouco de todo o seu conhecimento, pelos espaços de debate em sala de aula, mas, em especial, agradeço por, em um momento em que eu pensava em abandonar o mestrado, ter me elogiado publicamente, dizendo que eu era de fato um pensador. Esse elogio foi o que me fez confiar mais em meu potencial e não abandonar o mestrado.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Campinas, que possibilitou que meu sonho de cursar o mestrado se tornasse realidade.

Agradeço também a todos professores e professoras que passaram por minha vida, em especial da graduação e mestrado. Todos vocês foram importantes no meu processo formativo e, sem nenhuma exceção, sempre estiveram dispostos a me ajudar quando precisei.

Agradeço aos funcionários da PUC-Campinas, bibliotecárias (os), faxineiras (os), atendentes e cozinheiras (os) da cantina, aos funcionários do laboratório de informática, enfim, a todos que contribuem para que a universidade continue funcionando.

Agradeço à banca avaliadora do meu trabalho, por todas as contribuições que me ajudaram avançar em minha produção acadêmica.

Agradeço ao Estado brasileiro, que por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) me concedeu bolsa de mestrado, permitindo que eu desse continuidade aos estudos. Agradeço também à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que financiaram minhas pesquisas em nível de iniciação científica. Com meu agradecimento, também deixo meu desejo que tais agências resistam aos constantes ataques que sofrem.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

"Ele fere e cura!". Quando, mais tarde, vim a saber que a lança de Aquiles também curou uma ferida que fez, tive tais ou quais veleidades de escrever uma dissertação a este propósito. Cheguei a pegar em livros velhos, livros mortos, livros enterrados, a abri-los, a compará-los, catando o texto e o sentido, para achar a origem comum do oráculo pagão e do pensamento israelita. Catei os próprios vermes dos livros, para que me dissessem o que havia nos textos roídos por eles. — Meu senhor, respondeu-me um longo verme gordo, nós não sabemos absolutamente nada dos textos que roemos, nem escolhemos o que roemos, nem amamos ou detestamos o que roemos; nós roemos. Não lhe arranquei mais nada. Os outros todos, como se houvessem passado palavra, repetiam a mesma cantilena. Talvez esse discreto silêncio sobre os textos roídos fosse ainda um modo de roer o roído.

(Machado de Assis - Dom Casmurro, Capítulo XVII: Os Vermes, 1899)

**Resumo:** O objetivo desta dissertação foi o de compreender os desafios e oportunidades proporcionados pelo Programa Universidade Para Todos – ProUni. Para atender tal objetivo, optamos por estudar a visão dos próprios bolsistas sobre o programa. Sendo assim, selecionamos em duas bases – a Scientific Electronic Library Online – SciELO e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - trabalhos que atendessem a alguns critérios: serem trabalhos que tiveram como foco o estudo do ProUni e como método a obtenção de informações com o próprio beneficiário, seja por meio de entrevistas ou questionários. Os 53 trabalhos analisados foram produzidos entre os anos de 2009 e 2020. Tendo selecionado os trabalhos, buscamos compreender quais foram os principais desafios e oportunidades que esses prounistas levantaram. Os desafios, analisamos através das categorias de permanência e exclusão, e as oportunidades, através da rede de apoio e a inserção. Dentro dessas categorias ainda fizemos subdivisões com finalidades analíticas e expositivas. O que foi possível notar é que há uma convergência entre as dificuldades e oportunidades nos trabalhos analisados, confirmando a hipótese da dissertação. Observamos que as dificuldades se centram nas ausências do programa – como política de permanência e em fatores sociais que permeiam a sociedade brasileira como um todo, como a exclusão e os preconceitos. Nas potencialidades, notamos que se constroem numa relação com as dificuldades: por exemplo, a falta de uma política de permanência suscita no estabelecimento de uma rede de apoio entre os estudantes, que, mutualmente, se ajudam no percurso acadêmico.

**Palavras-chave:** Políticas públicas; Sociologia educacional; Inclusão social

**Abstract:** The objective of this dissertation was to understand the challenges and opportunities provided by the Programa Universidade Para Todos - ProUni. To comply with this objective, we chose to study the scholarship holders' own view of the program. Therefore, we selected works on two bases - the Scientific Electronic Library Online - SciELO and the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations, which met some criteria: they were works that focused on the study of ProUni and as a methodology the relationship with itself beneficiary, either through interviews or questionnaires. The analyzed works were produced between the years 2009 and 2020. Having selected these works, we seek to understand what were the main challenges and opportunities that these scholarship students raised. The challenges are analyzed through the categories of permanence and exclusion, and in the opportunities through the support network and insertion. Within these categories we also made subdivisions for analytical and expository purposes. What was possible to notice is that there is a convergence between the difficulties and opportunities in the studies analyzed, confirming the dissertation's hypothesis. We observed that the difficulties are centered on the absences of the program - as a policy of permanence, and on social factors that permeate Brazilian society as a whole, such as exclusion and prejudices. In terms of potential, we note that they are built in a relationship with difficulties: for example, the lack of a permanence policy leads to the establishment of a support network among students, who mutually help each other in the academic path.

**Keywords:** Public policy; Educational sociology; Social inclusion

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: dimensões dos trabalhos analisados

34

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Renúncia fiscal ProUni

25

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1: Mudanças no ProUni	28
Quadro 2: Produções não selecionadas para análise segundo motivo do descarte	35
Quadro 3: trabalhos selecionados na base BDTD seguindo as dimensões analisadas	44

## **LISTA DE SIGLAS**

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CF-88	Constituição Federal de 1988
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CUT	Central Única dos Trabalhadores
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FHC	Fernando Henrique Cardoso
FIES	Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação
GLS	Gays, Lésbicas e Simpatizantes
IES	Instituição de Ensino Superior
IF	Instituto Federal
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais
MEC	Ministério da Educação
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
MTST	Movimento dos Trabalhadores Sem Teto
PNE	Plano Nacional de Educação
PPG	Programa de Pós-Graduação
ProUni	Programa Universidade Para Todos
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PSL	Partido Social Liberal
PT	Partido dos Trabalhadores
PUC	Pontifícia Universidade Católica
SciELO	Scientific Electronic Library Online
SM	Salário-Mínimo
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIP	Universidade Paulista
USP	Universidade de São Paulo



## Sumário

Introdução.....	18
Capítulo 1 - O Programa Universidade Para Todos: contradições sociais que não cabem em um programa.....	21
1.1 O ProUni: criação, modificação e disputa de interesses.....	24
Capítulo 2: Método .....	33
2.1 As dimensões analisadas.....	35
2.2 Produções descartadas .....	36
2.3 Método de leitura e análise dos trabalhos .....	36
2.4 – Trabalhos selecionados .....	38
Capítulo 3– Análise dos resultados: os desafios na visão dos prounistas.....	53
3.1 – Desafios: a permanência estudantil .....	53
3.1.1 – A Permanência estudantil: dificuldades materiais .....	55
3.1.2 A permanência estudantil: aspectos subjetivos.....	60
3.2 – Desafios: a exclusão .....	64
3.3 – Análise dos resultados: as oportunidades na visão dos prounistas.....	74
3.3.1 – Rede de Apoio .....	74
3.3.2 O apoio da família e amigos .....	75
3.3.3 O apoio institucional .....	82
3.4 – Inclusão .....	84
3.4.1 Inclusão: Mobilidade social e econômica e a realização pessoal.....	85
Considerações finais.....	95
Referências.....	98
Apêndices .....	106
1- Modelo ficha de leitura .....	106



## Introdução

O conhecimento, especialmente a relação entre sujeito e objeto, em toda a história das Ciências Sociais se configurou como um ponto de tensão e disputa de discursos. Se, para as Ciências Naturais, a divisão entre o pesquisador e o pesquisado é um campo supostamente demarcado, para as Ciências Humanas trata-se de um campo nebuloso, e justamente por isso é comum gastarmos mais energia em discussões epistemológicas. Bourdieu (2015) chegou a comparar essa obsessão epistemológica de alguns sociólogos com um paciente estudado por Freud, que passava o tempo limpando seus óculos, mas sem nunca os colocar.

Dou início a apresentação desta pesquisa com uma reflexão sobre o método por conter em mim um pouco do paciente do Freud, mas também para fazer um exercício que julgo importante, o de apresentação do Eu pesquisador e minha relação com o objeto de estudo.

Meu interesse por política de forma direta se deu em 2013 quando ingressei no curso de física na UNESP. Fui o primeiro da minha família a ter acesso ao ensino superior. Durante o período em que estive na graduação em Física, participei ativamente do Diretório Acadêmico dos Estudantes, o que me deu uma inserção na militância política. Em certa altura do curso, eu percebi que a militância não era suficiente para mim. O interesse por Política e pelo Estado me fizeram abandonar o curso e ingressar, em 2015, no curso de Ciências Sociais da PUC-Campinas.

Em meu primeiro ano de graduação em Ciências Sociais, tive a oportunidade de participar do grupo de pesquisas (do qual sou membro até a presente data) sobre educação, pobreza e políticas de inclusão. Posteriormente, realizei duas iniciações científicas, tendo como temática o Programa Bolsa Família e o Programa Universidade Para Todos, sendo este último também tema desta dissertação de mestrado.

Foi durante esse período de intensas leituras que me convenci da necessidade de uma forte intervenção do Estado para o enfrentamento das desigualdades sociais.

Dessa forma, abandono qualquer pretensão positivista de separação total entre sujeito e objeto e ilusões com pressupostos axiologicamente neutros. É o que Bourdieu (2015) propõe quando diz que o sociólogo que não submete suas próprias interrogações à interrogação sociológica não está preparado para fazer uma análise sociologicamente neutra das respostas que obtém em suas pesquisas.

A própria escolha da temática – a visão dos prounistas sobre as oportunidades e desafios que o programa promove - deu-se a partir de entrevistas que realizei na iniciação científica. Percebi que uma questão latente nos beneficiários: apontavam os progressos que o ProUni promoveu, mas, ao mesmo tempo, nutriam um sentimento de que “ainda está faltando algo”.

Assim, se deixo explícito meus posicionamentos políticos, é por entender que a compreensão de quem é o autor de um texto torna-se um aspecto importante. Importante ainda salientar que foi por meio da Sociologia que construí meus posicionamentos de defesa do socialismo e, conseqüentemente, do acesso e expansão do Ensino Superior.

Ressalto ainda que o desenvolvimento desta pesquisa se deu em um contexto de pandemia do coronavírus em 2020 e, por conta do isolamento social exigido para o enfrentamento da doença, houve alguns obstáculos no desenvolvimento da dissertação. O primeiro obstáculo imposto foi o de realização da pesquisa de campo. Na programação do projeto inicial, esperava-se realizar no ano de 2020 entrevistas com bolsistas do ProUni e gestores do programa. O isolamento social impediu que tal método fosse empregado, levando-nos a optar por uma pesquisa bibliográfica.

Condicionado pelos fatores sociais descritos, o projeto se modificou e buscou responder a uma questão central: quais são os principais desafios e as principais oportunidades que os prounistas encontram em suas trajetórias? Para responder a essa pergunta, recorreremos a uma pesquisa bibliográfica e, com análise de artigos, dissertações e teses sobre o programa, buscamos identificar na fala dos próprios entrevistados nesses trabalhos as duas categorias acima mencionadas. O objetivo geral da dissertação foi compreender o que os prounistas apontam como desafios e oportunidades enfrentados no percurso acadêmico e pós-acadêmico.

Dito isso, passamos a organização do texto que se estrutura em três capítulos. No primeiro capítulo, os principais temas abordados são: (i) a construção histórica do ensino superior no Brasil; (ii) as disputas políticas em torno do ProUni; (iii) a maneira

como essas disputas afetaram o perfil do programa e (iv) a discussão sobre políticas sociais focalizadas e universais. Trata-se, portanto, de um capítulo de cunho mais teórico.

No segundo capítulo, o foco é o método utilizado na pesquisa. Encontraremos então a pesquisa bibliográfica, o corpus da investigação e como chegamos nas categorias empregadas nas análises.

Já o terceiro capítulo tem como objetivo a discussão dos resultados obtidos, na qual, através de uma sociologia analítica, buscamos olhar criticamente para os dados coletados na pesquisa bibliográfica.

Nos comentários finais, buscamos sistematizar os resultados encontrados, apresentando um panorama geral sobre os principais contributos do trabalho desenvolvido.

## Capítulo 1 - O Programa Universidade Para Todos: contradições sociais que não cabem em um programa.

O monumento não tem porta  
A entrada é uma rua antiga  
Estreita e torta  
E no joelho uma criança  
Sorridente, feia e morta  
Estende a mão  
(Tropicália – Caetano Veloso)

Roberto Schwarz (1992) em seu ensaio “As deias fora do lugar” – ensaio este que compõe uma de suas obras mais conhecidas: *Ao Vencedor as Batatas* - foi esplêndido ao demonstrar as contradições da ascendente classe liberal brasileira que convivia ao mesmo tempo com a escravidão. Recorrendo a Machado de Assis, o crítico literário é categórico em dizer que “[...] no Brasil domina o fato “impolítico e abominável da escravidão”<sup>1</sup>.

Com pressupostos e intenções diferentes, Oliveira Viana (1939) em *O Idealismo na Constituição* chega a conclusões próximas. Segundo o intérprete do Brasil, nossa democracia era falha e estava fadada a falhar, por estarmos constantemente nos propondo resolver problemas importados e, ao fazermos isso, criamos problemas novos. Na visão do autor – e aqui nos cabe pontuar que somos críticos perante suas posições políticas controversas durante o período em que atuou no governo Vargas<sup>2</sup> - a democracia liberal que se pretendia enraizar na sociedade brasileira não encontrava solo fértil por conta do hiato entre nossas necessidades sociais e o ideário liberal que buscava se impor. Uma explicação para isso seria a ausência de uma revolução burguesa no Brasil, de modo que, desde seu início, tivéssemos uma burguesia dependente<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Aqui o autor faz referência a uma contradição básica no capitalismo brasileiro: se o pressuposto do liberalismo é a mão de obra livre, como pode a elite brasileira querer ser liberal sem abominar suas raízes escravistas?

<sup>2</sup> Apesar de Oliveira Viana, em *O Idealismo da Constituição*, se opor ao fascismo e ao nazismo, este teve práticas racistas (como negar vistos a judeus fugindo do holocausto) durante o período em que participou do governo de Getúlio Vargas.

<sup>3</sup> Aqui há controversas também. Alguns sociólogos partem do pressuposto que a revolução de 1930 foi uma revolução burguesa com suas particularidades – tornando-a um processo com características bem específicas e diferente das revoluções burguesas clássicas (como da Inglaterra, França e EUA). Discordamos dessa visão por não compreender que o processo revolucionário que levou Vargas ao poder se deu com uma mudança de classe no poder (de modo que a burguesia o tomasse), mas sim através de contradições dentro da própria classe dominante (oligarquias rurais em oposição a nascente burguesia industrial).

Tais contradições continuam imperando no Brasil. As ofensivas burguesas para implementar um modelo liberal no país nunca tiveram como ideia paralela a resolução das questões nacionais, justamente por já terem nascido com vínculo ao capital internacional. Dos esforços do governo de Dutra para se aliar ao EUA, aderindo a uma política econômica de abertura comercial do Brasil ao restante do mundo, passando pelo governo Collor com tentativas semelhantes, FHC com a quebra da indústria nacional até no atual modelo bolsonarista de fundamentalismo de mercado, o que a realidade nos mostra é que Viana e Schwarz estavam corretos: o liberalismo está fadado a falhar no Brasil.

Souza (2004) capta essa concepção dual que as elites possuem entre o humano racional, fruto de liberalismo do hemisfério norte e o humano sentimental, focado nos prazeres carnis, típicos dos países do hemisfério sul. Esse autor, de maneira crítica, ainda avança colocando como tal análise nos leva, em última instância, a naturalizar nossas desigualdades, colocando como caminho único a ser trilhado o do liberalismo. Obviamente, como vemos a seguir, o autor não é simplista em acreditar que essa concepção seja explícita. Ao contrário, por permear as subjetividades e não ser escancarada, é ainda mais enraizada em nossas visões:

Não se trata de intencionalidade. Nenhum brasileiro europeizado de classe média confessaria, em sua consciência, que considera seus compatriotas das classes baixas não-europeizadas "subgente". Grande parte dessas pessoas votam em partidos de esquerda e participam de campanhas contra a fome e coisas do gênero. A dimensão aqui é objetiva, subliminar, implícita e não transparente. Ademais, ela não precisa ser mediada pela linguagem nem simbolicamente articulada; implica, como a ideia de *habitus* em Bourdieu, toda uma visão de mundo e uma hierarquia moral que se sedimentam e se mostram como signo social de forma imperceptível a partir de signos sociais aparentemente sem importância, como, por exemplo, a inclinação respeitosa e inconsciente do indivíduo "inferior" na escala social quando encontra com um "superior", pela tonalidade da voz mais do que pelo que é dito etc. O que existe aqui são acordos e consensos sociais mudos e subliminares, mas por isso mesmo tanto mais eficazes, que articulam, como que por meio de fios invisíveis, solidariedades e preconceitos arraigados. É este tipo de acordo, para usar o exemplo analisado, que está por trás do fato de que todos os envolvidos no processo policial e judicial na morte por atropelamento do subhomem não-europeizado, sem qualquer acordo consciente e até contrariando expectativas explícitas de muitas dessas pessoas, terminem por inocentar seu compatriota de classe média. (Souza, 2004, p. 92)

Oscilando entre períodos democráticos e períodos ditatoriais, nossa história política nos levou à Constituição Federal de 1988. Para os crentes em um modelo de

República em que o Estado seja o agente provedor de um bem-estar social, a CF-88 pareceu uma luz que surgia pós longos anos de ditadura militar.

Mas, assim como Marx (2011) observou, quase que de maneira poética, em O 18 de Brumário de Luís Bonaparte, os homens fazem sua própria história, mas não livremente. Estes são suprimidos pelas tradições que o antecedem, e todas essas tradições ganham mais força justamente em momentos históricos de mudanças sociais.

Compreender o que é o ProUni nos exige a compreensão dessas nossas contradições sociais, expressas, principalmente, na tensão entre interesses de mercado e interesses sociais. Se o entendimento clássico de política pública remete ao Estado em ação, parece-nos justo concluir que quem promove a ação é um governo determinado, que age ideologicamente, mesmo quando se auto qualifica neutro.

O Partido dos Trabalhadores, construído historicamente através de movimentos sociais (vinculado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, a setores populares da igreja católica e ganhando maior notoriedade nas greves da região do grande ABC paulista), foi o responsável pela formulação e implementação do programa que nos propomos a estudar. A ascensão do PT ao poder se deu através de um processo de diversas disputas eleitorais, até que, em 2002, Lula se elegeu presidente.

Meses antes da chegada ao poder, Lula elaborou uma carta aos brasileiros, com o intuito de “acalmar” o mercado<sup>4</sup>. A carta expressa o que posteriormente os governos petistas adotarão como horizonte político: a adoção de medidas sociais, mas sem abandonar as bases econômicas liberais (SOUZA, 2012).

Alguns sociólogos como Singer (2012) e Boito Jr. (2013) vão analisar os governos petistas como neodesenvolvimentistas, pois, apesar de romperem com alguns preceitos neoliberais, mantém a estrutura econômica dos governos anteriores - como o tripé macroeconômico, o qual, segundo Bresser Pereira (2013), não foi consumado, mesmo com a tentativa de rompimento promovida por Dilma.

Nesse contexto de atender os interesses sociais, mas com o intuito de, como Lula deixa explícito na carta aos brasileiros, modernizar o país e o tornar mais atrativo

---

<sup>4</sup> Aqui utilizamos o termo “acalmar” com todas as aspas possíveis por compreender as problemáticas que se desenvolvem com a concepção sociológica e política de analisar o mercado como um *ente* autônomo e que, portanto, pode ser acalmado ou atijado.

economicamente, é que surgem diversos programas sociais – entre eles o Programa Universidade Para Todos – ProUni.

### 1.1 O ProUni: criação, modificação e disputa de interesses

O ProUni se constitui como uma política pública que visa à inserção de jovens de baixa renda em cursos de graduação em Instituições de Ensino Superior privado, lucrativo ou não. Interessante ainda notar que o ProUni surge num contexto, conforme aponta Aguiar (2016), em que o ensino superior privado tinha número considerável de matrículas em IES sem fins lucrativos e o governo observava que esse setor tinha isenções fiscais, mas não considerava suficientes as contrapartidas oferecidas (normalmente, bolsas parciais em cursos de baixo prestígio). Segundo Almeida (2012), o setor lucrativo do ensino superior enfrentava dificuldades no contexto pré-ProUni, visto a estagnação na porcentagem de alunos matriculados. Nesse contexto, o ProUni se apresenta como uma solução, já que exige um número mínimo de bolsas por curso. Ristoff (2017) observa a conexão entre programas de expansão do ensino superior, como é o caso do ProUni e do PNE de 2000:

Entre 2000 e 2014, as matrículas nesse nível de ensino cresceram 190%, com forte participação do setor privado (224%) e menor do setor público (120%). A forte expansão no Brasil ao longo do século XXI faz do país o quinto mercado mundial de educação superior e o maior da região. Apesar do expressivo aumento de matrículas, o país ainda apresenta, em 2014, a taxa líquida de 17,7% abaixo, portanto, da meta projetada pelo primeiro Plano Nacional de Educação (2001-2010). A taxa bruta em 2014 de 34,2% revela tanto o sinal positivo de uma retomada do percurso escolar por parte de estudantes mais velhos, quanto traz a cicatriz da indesejada tradição educacional brasileira de cultivar a reprovação como método pedagógico, retardando a conclusão do ciclo básico. Desse modo, ao longo dos últimos anos a proporção de estudantes com idade de 24 anos ou mais no ensino superior tem-se mantido maior do que a dos jovens na faixa de 18 a 24 anos, indicando um dos grandes desafios para que o país alcance as metas projetadas pelo novo Plano Nacional de Educação. (p.4)

Notável também que o programa é fruto de um processo histórico, no qual já havia um interesse político na criação de um programa com o caráter do ProUni, mas, somente no primeiro governo do Partido dos Trabalhadores, houve condições políticas para a implementação. Nesse sentido, Aguiar (2016) observa que

A ideia da troca de bolsas de estudos para alunos carentes por isenções fiscais já havia sido cogitada desde os anos de 1990, sem sucesso. Segundo Gilda Gouvea, então assessora do ministro Paulo Renato, a ideia chegou a ser apresentada a ele, que teria avaliado que não havia condições políticas para tal. Tão logo chegou ao ministério, Fernando Haddad a retomou e obteve a pronta aprovação do presidente Lula. (p. 122)

Em seu texto final, o programa ficou desenhado de modo que os alunos postulantes a bolsa ProUni tenham cursado o ensino básico na rede pública de educação, ou na rede privada na condição de bolsista. O programa ainda exige que o estudante tenha prestado o ENEM, obtendo uma média de todas disciplinas superior a 450 e não tenha zerado a redação. Em contrapartida, as instituições que atendem as exigências do programa de número mínimo de bolsistas recebem abatimento de impostos. Sobre essa renúncia fiscal Ristoff (2017) pontua que

Uma análise atenta dos dados indica que a renúncia fiscal, se comparada com o número de vagas ofertadas, é, efetivamente, pequena. Se compararmos estes dados com as bolsas integrais e parciais ativas, o custo fica um pouco mais alto, mas ainda assim em torno de 100 reais/mês por aluno, ou 1.200 reais/ano. A comparação custo/aluno com as universidades federais, em torno de 23 mil reais/ano, é injusta, tendo em vista que estas instituições são de outra natureza, com mestrados e doutorados, com laboratórios para estudos avançados, hospitais, colégios de aplicação, frequentemente com fazendas experimentais, museus, planetários, núcleos de desenvolvimento infantil, núcleos de atividades para a terceira idade, atividades de extensão das mais diversas, com quadro docente altamente titulado e qualificado etc. São instituições, enfim, que têm muitas outras atribuições, além do ensino de graduação. O que caracteriza a grande maioria das instituições privadas (somente 4% são universidades), no entanto, é a oferta quase que exclusiva de ensino de graduação. Por isso mesmo, qualquer comparação de custos destas instituições deve ser devidamente contextualizada e ponderada. De todo modo, ficam evidentes, a partir da análise dos dados, duas questões: (1) os 500 milhões de reais de renúncia fiscal, se aplicados nas universidades federais, teriam impacto irrisório, considerando que o orçamento destas, como vimos antes, é de outra ordem (33,5 bilhões de reais/ano) e (2) levando-se em conta o número de estudantes carentes atendidos, não é correto afirmar que o custo do ProUni para o governo federal seja demasiado alto. Na verdade, o custo é baixo se comparado ao custo do estudante pagante e ao financiado pelo Fies (p. 22)

E demonstra essa evolução da renúncia fiscal:

Tabela 1 – Renúncia fiscal ProUni

Tributo	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
IRPJ	78.644.150	110.133.536	159.669.660	176.851.366	197.828.356	243.317.748	165.052.217	175.488.045
CSLL	30.216.294	37.072.960	53.822.490	60.541.955	91.404.602	84.093.306	49.355.147	52.476.809
PIS	10.521.706	12.231.350	24.944.970	35.043.071	42.983.008	44.646.069	46.225.656	49.148.386
COFINS	49.561.721	56.452.394	114.668.630	161.737.253	198.383.113	206.058.777	213.349.182	226.838.704
<b>Total</b>	<b>167.943.871</b>	<b>215.890.230</b>	<b>353.005.650</b>	<b>434.173.655</b>	<b>530.599.079</b>	<b>578.115.899</b>	<b>473.983.202</b>	<b>501.951.944</b>

Fonte: Ristoff, 2017

Para os alunos bolsistas, além dos requisitos necessários antes de obter a bolsa, existem também exigências que devem ser cumpridas ao longo da graduação. Tais condicionalidades são descritas no Manual do Bolsista (BRASIL, 2015), no qual explicitam-se as obrigações do bolsista para que a bolsa não seja encerrada. A verificação do cumprimento, ou não, ocorre semestralmente pela própria instituição do bolsista. Dentre os pontos exigidos, destacam-se a exigência da aprovação em 75% das disciplinas cursadas no período pelo beneficiário, frequência de 75% nas disciplinas cursadas e a não mudança substancial do perfil socioeconômico da família do beneficiário. A evolução e as controversas sobre tais exigências serão analisadas no próximo tópico. Pelo fato de a manutenção das bolsas ser de responsabilidade das instituições de ensino, é comum que as IES também forneçam um manual do bolsista.

Quando observamos a legislação sobre desempenho acadêmico, notamos que se trata de uma exigência encontrada desde a lei nº 11.096, de 13 de janeiro 2005 que define “A manutenção da bolsa pelo beneficiário, observado o prazo máximo para a conclusão do curso de graduação ou sequencial de formação específica, dependerá do cumprimento de requisitos de desempenho acadêmico, estabelecidos em normas expedidas pelo Ministério da Educação”. Não temos especificado o que se entende por desempenho acadêmico. A definição clara e explícita sobre desempenho acadêmico, encontramos na Portaria Normativa nº 19 de 20/11/2008 / ME - Ministério da Educação, na qual é colocado “§ 1º. Para efeitos do disposto no inciso V deste artigo, considera-se rendimento acadêmico insuficiente a aprovação em menos de 75% (setenta e cinco por cento) das disciplinas cursadas em cada período letivo”. Ou seja, a definição do que é bom desempenho acadêmico passa a parecer somente 3 anos depois do início do ProUni.

Almeida (2013) observa que a questão da comprovação de renda foi uma das reivindicações levantadas no Encontro do ProUni, no qual bolsistas pediam ao MEC o fim dessa comprovação para a renovação da bolsa. O autor ainda pontua que

Há uma questão que atinge, sobretudo, os alunos da Universidade Mackenzie, no que tange à observância do limite de renda que qualifica o bolsista. Ou seja, a cada revalidação da bolsa, solicita-se novamente toda a documentação comprobatória da renda familiar per capita – 1 salário mínimo e meio – para averiguação. Caso esse limite seja ultrapassado, corre-se o risco de perda da bolsa. Tal situação leva a um dilema: os bolsistas desta universidade confessional necessitam trabalhar devido ao sustento familiar e suporte para levar adiante os custos dos seus respectivos cursos, porém, nem eles, nem tampouco seus familiares, podem avançar financeiramente em suas rendas. Afora bolsistas do Mackenzie, apenas a estudante Zélia da PUC-SP e duas estudantes da Faculdade Sumaré [...] mencionaram essa questão. (ALMEIDA, 2013, p 238)

Almeida (2013) prossegue com um trecho de uma entrevistada da Universidade Mackenzie, em que ela pontua os acordos familiares que precisam ser feitos para que a renda familiar não ultrapasse a renda estipulada. O autor ainda nota que a situação das IES com fins lucrativos é diferente, visto que a renovação não se configurou como um problema para os bolsistas que ele entrevistou.

Um ponto interessante para observar no manual do bolsista é a questão da visita domiciliar. Enquanto no manual do bolsista de uma IES sem fins lucrativos, PUC-Campinas, encontramos como exigência “[...] ter realidade domiciliar, apurada em visita, incompatível com a renda e patrimônio declarados ”<sup>5</sup>, no manual do bolsista de uma IES com fins lucrativos, Universidade Paulista – UNIP, não há menção sobre essas visitas<sup>6</sup>.

Sobre a suspensão da bolsa, o processo passou a ser regularizado somente através de uma portaria do MEC de 30 de setembro de 2015, que determina que a bolsa será encerrada caso o aluno tenha “rendimento acadêmico insuficiente, podendo o coordenador do ProUni, ouvido(s) o(s) responsável(is) pela(s) disciplina(s)na(s) qual(is) houve reprovação, autorizar, por duas vezes, a continuidade da bolsa” (BRASIL, 2015).

---

<sup>5</sup> Manual do bolsista da PUC-Campinas disponível em: <https://www.puc-campinas.edu.br/nas/>

<sup>6</sup> Manual do bolsista da UNIP disponível em: <https://www.unip.br/prouni/>

O ProUni, dessa forma, sofreu e continua a sofrer mudanças. Houve disputas políticas entre sociedade civil organizada e empresas do ramo educacional sobre a construção do ProUni. Quanto a isso, Catani, Hey e Gilioli (2006) observam, de forma crítica, que desde o início o programa sofreu modificações

Quando o PL chegou ao Congresso, as mantenedoras propuseram modificações no Prouni, sendo representadas principalmente pela Associação Nacional das Universidades Particulares (ANUP), pela Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (Abmes) e pelo Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior no Estado de São Paulo (Semesp). Sugeriram a desobrigação das filantrópicas destinarem 20% da gratuidade em bolsas integrais, queriam incluir bolsas parciais, ampliar a faixa de renda familiar per capita de um para três s.m. e exigir processos seletivos nas instituições afora o Enem. As IES com fins lucrativos queriam reservar apenas 5% de suas vagas aos alunos carentes, não oferecer bolsas integrais e conceder bolsas parciais de 20% a 80% (O ESTADO DE S. PAULO, 2004). O Semesp reivindicava bolsas parciais de 50%, logo aceitas pelo relator da comissão que analisou o PL, deputado Irineu Colombo (PT-PR). (CATANI; HEY; GILIOLI, 2006, p.129)

E mais adiante pontuam sobre como o poder público manteve o diálogo de forma parcial, somente com as instituições privadas de ensino

Enquanto cedia às IES e era elogiado pelas mantenedoras, o MEC restringia-se a "esclarecer dúvidas sobre a Medida Provisória" e a "discutir o que pode vir a ser um sistema de controle do programa" com o Movimento dos Sem Universidade – MSU (FOLHA DE S. PAULO, 2004a). A fiscalização foi prevista para começar apenas quando o SINAES estiver totalmente implementado, o que o MEC estima para 2008. Antes disso, a ideia era "realizar convênios entre o Ministério e as universidades federais e estaduais para que elas possam verificar as condições das instituições privadas e enviar essas informações para análise do MEC" (FOLHA ONLINE, 2004b). Entretanto, tal solução não foi adotada. Ao contrário: em 30.01.2006, o MEC criou, tardiamente, a Comissão Nacional de Acompanhamento e Controle do Programa Universidade para Todos (CONAP), "órgão colegiado com atribuições consultivas, vinculado à Secretaria de Educação Superior" (BRASIL. MEC, 2006). O órgão é controlado, predominantemente, pela iniciativa privada: dois estudantes do ensino médio e dois do superior privado (indicados pela UNE e UBES), dois professores do ensino superior privado (apontados por sindicatos docentes), além de dois representantes das mantenedoras (designados pela ABMES e pelo Conselho de Reitores de Universidades Brasileiras, CRUB), dois da "sociedade civil" e dois do MEC (BRASIL. MEC, 2006). As universidades públicas não foram representadas, favorecendo o lobby das IES privadas e dificultando o controle da qualidade dos cursos oferecidos. (CATANI; HEY; GILIOLI, 2006, p.132)

Almeida (2012) expôs em um quadro como as disputas políticas em torno do ProUni foram a locomotiva das mudanças no programa:

Quadro 1: Mudanças no ProUni

ATRIBUTO	PROJETO DE LEI	MEDIDA PROVISÓRIA	LEI
Tipo de Bolsa	Integral (100%)	Integral (100%) Parcial (50%)	Integral (100%) Parcial (50%) Parcial (25%)
Renda Familiar	Um salário mínimo per Capita	Integral (1 SM e e meio) Parciais (3 SM)	Integral (1 SM e meio) Parciais (3 SM)
Desvinculação do Programa	Desempenho Insuficiente no SINAES* por dois anos consecutivos ou três intercalados, no período de cinco anos	Desempenho insuficiente no SINAES* por <b>três anos consecutivos</b>	Desempenho insuficiente no SINAES* por <b>três anos consecutivos</b>
Descumprimento das Regras	Multa de até 1% do faturamento anual do exercício anterior à data da infração	<b>Retirado</b>	<b>Retirado</b>
Benefícios da Transição da Natureza Jurídica de Sociedade Sem Fins Lucrativos para Sociedade com Fins Lucrativos	<b>Não previsto</b>	Pagar a quota patronal para a Previdência Social de forma gradual, durante o prazo de cinco anos, na razão de 20% do valor devido a cada ano, cumulativamente, até atingir o valor integral das contribuições devidas	<b>Pagar a quota patronal para a Previdência Social de forma gradual, durante o prazo de cinco anos, na razão de 20% do valor devido a cada ano, cumulativamente, até atingir o valor integral das contribuições devidas</b>

Fonte: Almeida (2012)

Carvalho (2006), na mesma linha de análise sobre as disputas políticas na construção do ProUni, observa que o programa surge num contexto em que a busca por direitos sociais se consolidava e a educação se colocava como uma pauta social. Sendo assim,

o Programa Universidade para Todos (PROUNI) surge com o discurso de justiça social, tendo como público-alvo os estudantes carentes, cujos critérios de elegibilidade são a renda per capita familiar e o estudo em escolas públicas ou privadas na condição de bolsistas. Além disso, o programa estabelece, obrigatoriamente, que parte das bolsas deverá ser direcionada a ações afirmativas aos portadores de deficiência e aos negros e indígenas. A formação de professores de ensino básico da rede pública também consta como prioridade. A intenção é a melhoria na qualificação do magistério, com

possíveis impactos positivos na qualidade da aprendizagem dos alunos da educação básica. (CARVALHO, 2006, p. 985)

Carvalho (2006) observa que é nesse cenário que surgem atores sociais, como sindicatos (como a própria CUT) em defesa do ProUni. Todavia, durante a tramitação do projeto no Congresso Nacional, as IES privadas se colocam como uma força de disputa na formulação da política de modo que

[...] de forma mais detalhada, por meio da evolução do Projeto de Lei, da Medida Provisória até a Lei do PROUNI e o decreto que a regulamentou, é possível afirmar que as alterações no texto legal conduziram à flexibilização de requisitos e sanções e à redução da contrapartida das instituições particulares. A redação final do documento refletiu o jogo político, no qual o MEC teve de ceder e acomodar os interesses privados, e estes atores não foram plenamente atendidos. (CARVALHO, 2006, p. 986)

Temos assim, que a formulação do programa se deu de forma em que

A tentativa de regular o segmento privado e obter retorno da renúncia fiscal concedida às filantrópicas foi restringida, à medida que a evolução do texto legal foi na direção do afrouxamento do aparato estatal. A inexistência de sanções mais severas pelo descumprimento das regras estabelecidas, combinada ao lapso temporal para avaliação dos cursos, estimula comportamentos oportunistas por parte de instituições de qualidade duvidosa. (CARVALHO, 2006, p. 995)

Pontuamos, porém, que esses dois artigos, Catani, Hey e Gilioli (2006) e Carvalho (2006), foram produzidos no ano seguinte da entrada em vigência do ProUni. Ambos os artigos focam dois aspectos importantes, o econômico e o da disputa política na construção do programa. Carvalho (2006) no fim de seu artigo vai nessa direção e aponta a legitimidade social do programa, de forma a conferir um benefício simbólico, através do diploma, ao prounista.

Essa discussão reverbera uma questão central no campo das políticas públicas: a questão da universalidade e da focalização. Ao analisar esses dois tipos de políticas, as focalizadas e as universais, Kerstenetzky (2006) observa que a visão dos defensores das políticas públicas focalizadas, em grande maioria, parte da premissa do mercado como um agente racional capaz de distribuir a riqueza, mas que não supre todas as lacunas das desigualdades e, portanto, necessitam das políticas focalizadas para suprir tais lacunas. É o que aponta quando define que

A família de concepções de “justiça de mercado” atribui ao mercado a função de distribuição das vantagens econômicas (por meio de remunerações diferenciadas aos portadores de recursos econômicos), cabendo ao Estado de Direito zelar pela lei e a ordem necessárias ao seu funcionamento, o que implica basicamente na garantia dos direitos de propriedade e do cumprimento dos contratos, além de proteção contra a fraude. Uma vez implementada em sociedades específicas, essa concepção genérica apresentaria alguns atrativos na competição com arranjos sociais alternativos, onde, por hipótese, a presença do Estado fosse mais visível, na alocação de recursos ou na distribuição de vantagens. Por um lado, a liberdade de escolha dos indivíduos seria maximizada, por outro, a eficiência econômica seria promovida, já que a alocação de recursos seria induzida exclusivamente pelos incentivos do mercado. (KERSTENETZKY, 2006, p. 565)

A autora pontua sobre a relação entre a focalização e políticas com caráter mercadológico, ao afirmar que

No debate público brasileiro, salvo melhor juízo, a noção de focalização desperta uma reação negativa da parte de interlocutores que se identificam com ideais de justiça distributiva porque é por estes associada à concepção de justiça de mercado. Segundo esta última, como vimos, uma economia de mercado seria dotada de uma capacidade integradora irresistível pois seus benefícios materiais se transmitiriam à (quase) totalidade da sociedade. Nesse campo normativo-conceitual, as políticas sociais seriam residuais, incidindo sobre os segmentos à margem dos processos econômicos integradores. É relativamente desimportante, nesse contexto, se os grupos sociais à margem já se encontravam excluídos ou se o processo de exclusão originou-se precisamente no processo de modernização econômica orientada para o mercado, pois o remédio seria, em qualquer caso, o mesmo, vale dizer, aprofundamento da lógica do mercado com focalização das políticas sociais. (KERSTENETZKY, 2006, p. 568)

Sem encerrar a reflexão, Kerstenetzky (2006) levanta o fato de que as políticas públicas focalizadas devem ser compreendidas não só pela característica residual, apontada acima, mas também por duas características: I) a condicionalidade, através da qual compreendemos a focalização pela necessidade da resolução de um problema localizado, e, conhecendo esse problema, opta-se pela maneira mais racional de gastar o dinheiro através do foco específico do problema e II) a focalização como ação compensatória, em que se compreende as políticas focalizadas e universais não como antagônicas per se, mas podendo atuar de formas complementares no contexto em que, na existência de um direito universal e na impossibilidade de determinado grupo social que por algum motivo não consiga acessar esse direito, a política focalizada passa a agir como um meio para esse grupo atingir a política universal.

Já sobre políticas públicas de caráter universais, Kerstenetzky (2006) as compreende por dois aspectos, um que se baseia no processo de desmercantilização das políticas públicas através da criação de um Estado de bem-estar social, e outro em que se caracteriza na universalização através do mercado em seu centro, como é o caso de políticas de renda básica universal. Compreendendo que essa caracterização são conceitualizações ideais e que as políticas públicas podem transitar entre dois ou mais tipos, resume-se, então, as políticas da seguinte forma:

(1) concepção fina de justiça com ênfase na focalização: residualismo, ou seja, rede de proteção social mínima — como parece ser a experiência norte-americana; (2) concepção fina com ênfase na universalização: seguridade social, educação e saúde básicas — como parece ser a experiência inglesa; (3) concepção espessa de justiça com ênfase na universalização: seguridade social, educação e saúde universais e generosas — como parece ser a experiência escandinava; (4) concepção espessa com ênfase na focalização: alocação redistributiva de recursos para geração de oportunidades sociais e econômicas para os grupos sociais em desvantagem relativa — cenário hipotético, porém plausível. (KERSTENETZKY, 2006, p. 572)

Pode-se conceituar o ProUni como uma política pública focalizada. Pelo fato de o ensino superior não se tratar de um direito universal assegurado pela Constituição, não podemos categorizar o ProUni como uma política pública focalizada que tende a cumprir o papel de fornecer a uma determinada população o acesso a esse direito universal. Todavia, ainda podemos olhar para o processo político em que o Plano Nacional de Educação de 2014 colocava como meta a expansão de matrículas no ensino superior de jovens entre 18 e 24 anos, passando de 34,6% para 50%. De acordo com Trow (2005), a caracterização do Ensino Superior se divide em: ensino superior de elite, quando a taxa de matrícula de jovens entre 18 e 24 anos é de até 15%; de massa, quando a taxa é entre 15 e 50%, e universal quando a taxa de matrícula é acima de 50%. Temos assim o panorama em que, atualmente, nos encontramos com um ensino superior de massa, porém com potencialidade para elevar-se ao status de universal.

## Capítulo 2: Método

Antes de entrar na descrição do método utilizado na pesquisa, consideramos importante salientar que este trabalho utilizou instrumentos próximos aos utilizados pelas pesquisas tipo Estado da Arte. Segundo Ferreira (2002), tais estudos podem ser caracterizados por dois momentos. O primeiro, em que o pesquisador busca mapear a produção acadêmica sobre um determinado tema em um período histórico específico, e um segundo momento, que se aproxima mais do que realizamos nessa pesquisa. Conforme aponta a autora:

Um segundo momento é aquele em que o pesquisador se pergunta sobre a possibilidade de inventariar essa produção, imaginando tendências, ênfases, escolhas metodológicas e teóricas, aproximando ou diferenciando trabalhos entre si, na escrita de uma história de uma determinada área do conhecimento. Aqui, ele deve buscar responder, além das perguntas “quando”, “onde” e “quem” produz pesquisas num determinado período e lugar, àquelas questões que se referem a “o quê” e “o como” dos trabalhos. (p. 265)

Mas diferente dos estudos de Estado da Arte, que buscam compreender o que os pesquisadores estão produzindo, nosso objetivo foi o de compreender o olhar dos próprios prounistas, expressos nos trabalhos selecionados. Trata-se, portanto, de uma pesquisa empírica, no que tange se estruturar sobre resultados de produções com recortes empíricos, e também teórica, pelo fato de os dados empíricos não terem sido colhidos diretamente pelo pesquisador.

Sendo assim, caso a leitura deste trabalho parta do pressuposto de que pesquisa empírica é aquela em que o pesquisador coleta diretamente seus dados, concluirá que essa pesquisa não é empírica. Já se a leitura parte do pressuposto de que pesquisa teórica é aquela de base, que não envolve diretamente a prática, então concluirá que esta pesquisa não é teórica.

Se há a necessidade de denominação, pode-se chamar esta pesquisa de um estudo sociológico sobre a Educação, que se sustenta sobre a interpretação de dados coletados por outros pesquisadores.

Para tanto, optamos por duas plataformas como base de coleta: a *Scientific Electronic Library Online* - SciELO e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD. A opção pela SciELO na busca dos artigos se deu por ser uma plataforma com grande confiabilidade meio acadêmico, armazenando e

disponibilizando trabalhos de forma atualizada, além de incorporar diversos periódicos prestigiados em sua biblioteca. Além disso, a plataforma conta com uma ferramenta de busca que favorece a realização de pesquisa bibliográfica de forma metódica e organizada. Já a BDTD, selecionamos por se tratar de uma plataforma que reúne teses e dissertações dos PPG de todo o país, permitindo fazer uma pesquisa bibliográfica em maior amplitude, se considerado em comparação com bases específicas dos próprios PPG's. Ambas as plataformas são compostas por produções qualificadas, isto é, analisada por pares.

Para a seleção dos trabalhos alguns parâmetros foram estabelecidos. Como já mencionado, o primeiro parâmetro se deu pelo método do estudo. Considerou-se apenas pesquisas que tiveram como método a coleta de informações diretamente com os prounistas. Sendo assim, estudos que envolveram técnicas como entrevistas, questionários ou qualquer outra que pressupõe informações fornecidas pelos prounistas foi considerada para a pesquisa. Isso se justifica pelo fato de nosso objetivo ser o de compreender as dimensões positivas e negativas expostas pelo próprio prounista em relação ao programa.

Podemos compreender uma limitação do método no que se refere às intenções do pesquisador. Qualquer trabalho ou pesquisa é limitado pelas condições sociais e acadêmicas impostas. Sendo assim, ao analisar os trabalhos levando em consideração dimensões de desafios e possibilidades levantadas pelos prounistas em produções bibliográficas, analisamos o que tais pesquisadores, autores das produções, selecionaram das informações de que dispunham para a publicação. Dessa forma, uma das limitações do método se encontra na possibilidade de haver dimensões que o prounista revelou ao pesquisador, mas que não constam nas publicações selecionadas.

O segundo parâmetro da busca dos trabalhos se deu até data 20/09/2020 – data em que o último trabalho selecionado foi analisado. Na base SciELO, utilizando o descritor “ProUni” foi possível encontrar 49 trabalhos. Já utilizando o descritor “Programa Universidade Para Todos”, encontramos 3 trabalhos. Desse total, 16 foram selecionados, publicados entre os anos de 2011 e 2020. Na base BDTD, usando o descritor “ProUni” obtivemos 94 resultados. Já utilizando o descritor “Programa

Universidade Para Todos”, obtivemos 133 resultados<sup>7</sup>. Importante pontuar que diversos trabalhos foram repetidos nas buscas (apareceram em ambos os descritores). Desse total, 37 trabalhos publicados entre os anos de 2009 e 2018 foram selecionados.

Nos próximos tópicos discorreremos sobre os trabalhos selecionados e descartados a partir desses obtidos no levantamento.

## 2.1 As dimensões analisadas

Visto que nosso objetivo é o de compreender os desafios e oportunidades oferecidos pelo ProUni, pareceu-nos interessante criar dimensões em que tais questões pudessem se enquadrar. Dessa forma, optamos por quatro dimensões, duas na subdivisão dos desafios (exclusão e permanência) e duas na subdivisão das oportunidades (inclusões e redes de apoio). Tais categorias foram pensadas a partir da leitura dos trabalhos.

Além disso, cabe ressaltar que, dentro de cada uma dessas categorias, há subdivisões, que serão analisadas no capítulo de resultados. Sendo assim, quando pensamos em exclusão, por exemplo, estamos considerando dimensões que vão do racismo, preconceitos de classe, estereótipos de gênero etc. O mesmo se aplica em todas as outras categorias. A opção por aglutinar diversos desafios e oportunidades em “macro categorias” se deu por haver uma gama muito grande de desafios e oportunidades, visto que cada trabalho analisado tinha um foco diferente e, cada entrevistado/respondente de questionário, sua própria subjetividade.

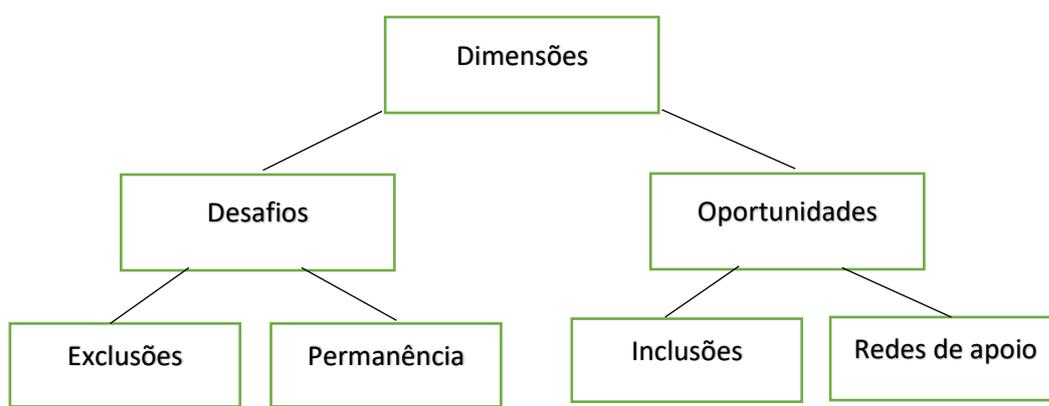
A elaboração das categorias de análises fora feita posterior às leituras dos trabalhos selecionados. Sendo assim, em um primeiro momento buscamos reunir os principais pontos discutidos nos artigos, teses e dissertações, e após isto reunimos tais pontos nas categorias já expostas.

Exemplificamos a categorização dos trabalhos da seguinte forma:

---

<sup>7</sup> Aqui cabe ressaltar que para buscar o termo “Programa Universidade Para Todos”, deixamos o descritor entre aspas, visto que dessa forma é possível filtrar somente trabalho que contenha as 4 palavras. Quando usamos o descritor sem as aspas, há um total de 93,864 trabalhos encontrados, nos quais a esmagadora maioria dos trabalhos só contém uma das palavras.

Figura 1: dimensões dos trabalhos analisados.



Fonte: Elaboração própria.

## 2.2 Produções descartadas

Conforme já mencionado, focamos em analisar as dimensões do ProUni através do ponto de vista dos próprios beneficiários. Ao longo da busca nas bases descritas, encontramos diversos trabalhos que não se encaixavam nos parâmetros apresentados. No geral, esses trabalhos se enquadravam dentro de I) uma análise do desenho do programa, ou seja, trabalho não empírico; II) análise do ponto de vista de atores do programa que não são prounistas (gestores, professores e etc.); ou III) o artigo não ter relação direta com o propósito da dissertação.

## 2.3 Método de leitura e análise dos trabalhos

Com os trabalhos selecionados, adotamos um método de leitura em que fosse possível atender aos objetivos propostos dentro do tempo. Dessa forma, para selecionar ou descartar os trabalhos nos baseamos nos resumos. Já para análise dos resultados, adotamos dois caminhos diferentes:

- I) Nos artigos, realizou-se a leitura integral das pesquisas. Por se tratar de um formato em que o foco é a divulgação dos principais resultados de alguma pesquisa, normalmente são mais diretos nos resultados, o que permitiu fazer a leitura completa dentro do tempo determinado do mestrado.
- II) Em teses em dissertações optamos pela leitura focada nos resultados – parte das pesquisas em que, normalmente, encontram-se os dados empíricos (entrevistas e questionários com os prounistas). Compreendemos as limitações que isso pode implicar na pesquisa, visto que frequentemente o que se pergunta ao prounista tem vínculo com as posições do pesquisador, expressas em capítulos anteriores. Não obstante, consideramos que tal método é legítimo uma vez que se trata de uma pesquisa com o enfoque específico de compreender as percepções dos bolsistas.

Com o intuito de organizar as leituras e os fichamentos dos trabalhos selecionados, nos servimos de uma ficha para categorizar as informações obtidas. Utilizamos como modelo a ficha elaborada por Pires e Ribeiro (2020), que, por pertencerem ao mesmo grupo de pesquisa, gentilmente a disponibilizaram. A ficha foi adaptada, visando atender aos objetivos gerais e específicos desta pesquisa, e encontra-se disponível no Anexo 1 – Modelo de ficha de leitura.

Destacamos aqui que, por utilizarmos entrevistas feita por outros pesquisadores, quando fazemos as citações dos trechos das entrevistas, optamos por na citação seguir o padrão ABNT, colocando o autor, ano e página do trabalho utilizado, e inserir nas notas de rodapé que se trata de trechos de entrevistas transcritos pelo autor, e não de fala do próprio autor.

## 2.4 – Trabalhos selecionados

Para fins práticos de análise, dividimos os trabalhos selecionados em duas tabelas, sendo a primeira referente aos artigos encontrados na base SciELO, e a segunda referente a teses e dissertações selecionadas a partir da base BDTD. Tal divisão só se encontra nas tabelas, nas análises não fizemos tal separação.

Quadro 4: Trabalhos selecionados na base SciELO seguindo as dimensões analisadas

Ano	Título	Autoria	Estado	Categoria administrativa	Dimensões
2011	A efetividade de programas sociais de acesso à educação superior: o caso do ProUni	Luiz Alex Silva Saraiva; Adriana de Souza Nunes.	MG	-	<b>Desafios:</b> Exclusão <b>Oportunidades:</b> Inclusão
2011	O Prouni e a conclusão do ensino superior: novas trajetórias pessoais e profissionais dos egressos	Fátima Bayma de Oliveira; Daniela Patti do Amaral	RJ	Sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> - <b>Oportunidades:</b> Inclusão; Rede de apoio
2012	Ações afirmativas no ensino superior: análise do perfil socioeconômico	Clarissa Tagliari Santos	RJ	Sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Permanência <b>Oportunidades:</b> Rede de apoio; Inclusão

	e da experiência universitária de bolsistas do ProUni na PUC-Rio				
<b>2012</b>	A ampliação da base social da educação superior no contexto do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais: o caso do ProUni	Edna Imaculada Inácio de Oliveira; Rosane Maria Kreuzburg Molina	MG	Sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Exclusão <b>Oportunidades:</b> Rede de apoio
<b>2013</b>	Estudo de caso sobre a inclusão de alunos com deficiência no Ensino Superior	Emerson Rodrigues Duarte; Carla Beatriz da Silva Rafael; Juliana Fernandes Filgueiras; Clara Mockdece Neves; Maria Elisa Caputo Ferreira	MG	Com e sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Exclusão <b>Oportunidades:</b> Inclusão
<b>2014</b>	Alunos ProUni e não ProUni nos cursos de	Vera Lucia Felicetti;	RS	Sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Permanência <b>Oportunidades: -</b>

	licenciatura: evasão em foco	Paulo Fossatti			
<b>2014</b>	"Uni por Uni, eu escolhi a que era do lado da minha casa": Deslocamentos cotidianos e o acesso, a permanência e a fruição da universidade por bolsistas do ProUni no Ensino Superior privado	Alexandre Abdal; Julia Navarra	SP	Com e sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Permanência <b>Oportunidades:</b> -
<b>2014</b>	Comprometimento do aluno ProUni: acesso, persistência e formação acadêmica	Vera Lucia Felicetti	RS	Sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Permanência <b>Oportunidades:</b> Inclusão
<b>2015</b>	Os Herdeiros e os bolsistas do ProUni na cidade de São Paulo	Wilson Mesquita de Almeida	SP	Com e sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Permanência <b>Oportunidades:</b> Inclusão
<b>2016</b>	PROUNI - pontos controversos sob a análise de alunos bolsistas	Tereza Lúcia Lima Fontele; Vicente Lima Crisóstomo	CE	Com e sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Permanência; Exclusão. <b>Oportunidades:</b> Inclusão.

<b>2016</b>	Itinerários de escolarização e mediações subjacentes: a experiência de discentes beneficiários do Proni	Andrea Bayerl Mongin	-	-	<b>Desafios:</b> Permanência; <b>Oportunidades:</b> Rede de apoio; Inclusão
<b>2017</b>	Consciência de Estudantes Prounistas sobre sua Inserção no Ensino Superior	Flávia de Mendonça Ribeiro; Raquel Souza Lobo Guzzo	SP	Sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Permanência; <b>Oportunidades:</b> Rede de apoio
<b>2017</b>	Fatores de proteção em estudantes bolsistas do Programa Universidade para Todos	César Leonardo Karnal; Janine Kieling Monteiro; Anelise Schaurich dos Santos; Grace Oliveira dos Santos	RS	Sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> -  <b>Oportunidades:</b> Rede de apoio; Inclusão
<b>2018</b>	Egressos das licenciaturas: o que move a escolha e o exercício da docência	Vera Lucia Felicetti	RS	Sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> -  <b>Oportunidades:</b> Inclusão

<b>2019</b>	O Programa Bolsa Família e o acesso e permanência no ensino superior pelo Programa Universidade para Todos: a importância do “eu me viro”.	André Pires; Paulo Cesar Ricci Romão; Víctor Marques Varollo	SP	Sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Permanência <b>Oportunidades:</b> Rede de apoio
<b>2020</b>	Relação com o saber: um estudo com universitários ingressantes em uma instituição privada	Karina Sales de Oliveira	BA	Com fins lucrativos	<b>Desafios:</b> <b>Oportunidades:</b> Rede de apoio; Inclusão

Fonte: Elaboração própria

Nota-se que, dos dezesseis artigos selecionados da base SciELO, nove foram realizados com prounistas de IES sem fins lucrativos; quatro foram estudos que trabalharam com IES de ambas as categorias administrativas (com e sem fins lucrativos); em dois trabalhos não conseguimos identificar a categoria administrativa dos prounistas entrevistados, e um trabalho com foco em IES com fins lucrativos. Também é interessante destacar que treze dos dezesseis trabalhos analisados da base SciELO estão localizados nas regiões Sul e Sudeste.

Quanto aos desafios, nota-se que a permanência foi o principal aspecto levantado, estando presente em nove trabalhos. Já na dimensão das oportunidades, destaca-se a inclusão, estando presente em onze dos dezesseis trabalhos analisados.

Ressaltamos que essas dimensões englobam diversos fatores, que serão dissecados nos tópicos de análise dos resultados – por exemplo, a permanência se diversifica entre questões materiais/financeiras, mas também em questões subjetivas e psicológica. Todas essas questões serão analisadas no próximo capítulo.

Quadro 4: Trabalhos seleccionados na base BDTD, seguindo as dimensões analisadas

Ano	Título	Autoria	Estado	Categoria administrativa	Dimensões
2009	O processo de formação de identidade de estudantes negros que ingressaram no ensino superior pelo sistema de cotas do ProUni: a questão da ação afirmativa	Rozangela da Piedade Leite	SP	Sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Permanência; Exclusão <b>Oportunidades:</b> Inclusão
2009	Alunos do ProUni da Universidade de Passo Fundo : trajetórias, percepções/sentimentos e aproveitamento acadêmico	Maria Aparecida Estácia	RS	Sem fins lucrativos	<b>Desafios: -</b> <b>Oportunidades:</b> Rede de apoio; Inclusão
2009	Universidade para todos: o PROUNI na visão dos bolsistas de uma instituição de ensino superior	Maria Aparecida de Almeida	SP	Sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Permanência <b>Oportunidades:</b> Inclusão
2009	O programa universidade para	Gabriella Cristina	DF	Com e sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Permanência

	todos: percepções de estudantes de pedagogia do Distrito Federal	da Silva Santana			<b>Oportunidades:</b> Inclusão
<b>2009</b>	PASSAR É FÁCIL, CONTINUAR É QUE É DIFÍCIL...: A PERMANÊNCIA DE ALUNOS BOLSISTAS NA PUC-RIO	Bianca Aguiar Correia Rodrigues	RJ	Sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Permanência <b>Oportunidades:</b> Inclusão
<b>2010</b>	Negros no ensino superior: trajetória e expectativas de estudantes de administração beneficiados por políticas de ação afirmativa (ProUni e Cotas) em Salvador	Edilza Correia Sotero	BA	-	<b>Desafios:</b> Exclusão <b>Oportunidades:</b> Inclusão
<b>2010</b>	Entre a realidade e a possibilidade: prouni e a dinâmica inclusão/exclusão.	Lupércio Aparecido Rizzo	SP	Com fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Exclusão <b>Oportunidades:</b> Rede de apoio; Inclusão
<b>2011</b>	Perfil de jovens universitários bolsistas do ProUni: um estudo de caso na UNISINOS	Ednaldo da Silva Pereira Filho	RS	Sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Exclusão <b>Oportunidades:</b> Rede de apoio; Inclusão
<b>2011</b>	PROUNI: trajetórias	Karin Terrell Ferreira	SP	Com fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Permanência

					<b>Oportunidades:</b> Rede de apoio; Inclusão
<b>2011</b>	A PERMANÊNCIA DE BOLSISTAS PROUNI NO CURSO NOTURNO DE PEDAGOGIA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DO NORTE (UNINORTE/LAUR EATE)	Darci Martins Neves	AM	Com fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Permanência <b>Oportunidades:</b> Inclusão
<b>2012</b>	Ampliação do acesso ao ensino superior privado lucrativo brasileiro: um estudo sociológico com bolsistas do Prouni na cidade de São Paulo	Wilson Mesquita de Almeida	SP	Com e sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Permanência <b>Oportunidades:</b> Inclusão
<b>2012</b>	Prouni: influências sobre a inclusão social dos seus egressos	Beatriz Di Marco	SP	-	<b>Desafios:</b> <b>Oportunidades:</b> Inclusão; Rede de Apoio
<b>2012</b>	Sentidos da experiência universitária para jovens bolsistas do ProUni	Brescia Franca Nonato	MG	Sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Permanência; Exclusão. <b>Oportunidades:</b> Inclusão

2013	Educação superior e inclusão social : um estudo comparado de duas ações afirmativas no Brasil : dos debates à prática	Bruna Cruz de Anhaia	RS	Sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Permanência; Exclusão <b>Oportunidades:</b> Rede de apoio; Inclusão
2013	Estudo de caso: impacto do PROUNI nos alunos egressos do Centro Universitário Estácio/FIB Salvador-Ba	Edmilson Peralva Pereira	BA	Com fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Exclusão; Permanência <b>Oportunidades:</b> Inclusão
2013	PROUNI: uma reflexão sobre o, a voz de beneficiários do programa	Tereza Lúcia Lima Fontele	CE	-	<b>Desafios:</b> Permanência; Exclusão <b>Oportunidades:</b> Inclusão
2013	Consciência dos ProUnistas sobre sua inserção no ensino superior	Flávia de Mendonça Ribeiro	SP	Sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Permanência; Exclusão <b>Oportunidades:</b> Rede de apoio
2014	Uma margem outra: itinerâncias de jovens das classes populares na educação superior	Idalina Souza Mascarenhas Borghi	BA	Com fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Permanência; Exclusão <b>Oportunidades:</b> Inclusão
2014	A dimensão subjetiva da desigualdade social: um estudo	Alessandra dos Santos Oliveira	SP	Sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Exclusão; Permanência

	sobre a escolha do curso universitário entre os alunos bolsistas do Programa Universidade para Todos - ProUni				<b>Oportunidades:</b> Rede de apoio, Inclusão
<b>2014</b>	Compreendendo a dinâmica de inclusão e/ou exclusão de alunos bolsistas do ProUni	Marineid e de Oliveira Aranha Neto	SP	Sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Exclusão <b>Oportunidades:</b> Inclusão
<b>2014</b>	O perfil do bolsista Prouni da UNESCO : entre os limites e as possibilidades do ensino superior	Lutiele da Silva Ghelere	RS	Sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Permanência <b>Oportunidades:</b> Inclusão
<b>2015</b>	Não vou me adaptar: um estudo sobre os bolsistas pernambucanos durante os 10 primeiros anos do Programa Universidade Para Todos - ProUni	Ruy de Deus e Mello Neto	PE	-	<b>Desafios:</b> Permanência; Exclusão <b>Oportunidades:</b> Rede de apoio
<b>2015</b>	Por que eles abandonam? evasão de bolsistas PROUNI dos cursos de licenciaturas	Cleonice Silveira Rocha	RS	Sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Permanência <b>Oportunidades:</b> Inclusão

<b>2016</b>	ProUni: revolução simbólica na vida dos beneficiários	Tamyres Gaby Alves	SP	Com fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Exclusão <b>Oportunidades:</b> Rede de apoio; Inclusão
<b>2016</b>	Trajetórias pós-ProUni: um estudo sobre egressos do Programa Universidade Para Todos na cidade de São Paulo	Gabriel Gustavo Tosoni Milanez	SP	Com e sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Exclusão; Permanência; <b>Oportunidades:</b> Inclusão; Rede de apoio
<b>2016</b>	O Programa Universidade para Todos e a inserção de negros na educação superior : a experiência de duas Instituições de Educação Superior de Mato Grosso do Sul - 2005 - 2008	Eugenia Portela de Siqueira Marques	MS	Com e sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Permanência; Exclusão <b>Oportunidades:</b> Inclusão
<b>2016</b>	As repercussões do PROUNI na vida profissional dos egressos da UNAMA	Sônia Andréa Pimentel Rodrigues Ferreira	AM	Com fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Exclusão; Permanência <b>Oportunidades:</b> Inclusão
<b>2017</b>	Estudantes universitários de uma instituição privada e suas relações com o	Karina Sales Vieira	BA	Com fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Permanência; Exclusão <b>Oportunidades:</b>

	saber : de espectadores a protagonistas				Inclusão; Rede de apoio
<b>2017</b>	Trajetórias de egressos da EJA na transição para o ensino superior : um estudo a partir do PROUNI (Caxias do Sul 2005-2014)	Patrícia Borges Gomes Bissinella	RS	Com fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Exclusão; Permanência <b>Oportunidades:</b> Rede de apoio; Inclusão
<b>2017</b>	PROUNI: avaliação das contribuições do Programa para a Educação Superior na perspectiva de alunos contemplados pelo programa na cidade de Fortaleza-Ceará	Patrícia Alves de Oliveira	CE	Com e sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> <b>Oportunidades:</b> Inclusão
<b>2017</b>	As desigualdades sociais e o acesso ao ensino superior: o que pensam os beneficiários do ProUni	Sandra Regina Soares Pereira	SP	Sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Exclusão <b>Oportunidades:</b> Inclusão; Rede de apoio
<b>2017</b>	Desigualdades na educação superior : acesso e permanência de bolsistas ProUni na PUC-RS	Thamires Mielle Borba	RS	Sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Exclusão; Permanência <b>Oportunidades:</b> Inclusão

<b>2018</b>	Egressos do ProUni de uma Universidade do Interior do estado de São Paulo do ano de 2008 até o ano de 2016: trajetórias de ex-bolsistas do Programa Bolsa Família	Renato Gonçalves Borges	SP	Sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Permanência; Exclusão <b>Oportunidades:</b> Inclusão
<b>2018</b>	PROUNI: política pública de acesso ao ensino superior – um estudo sobre a possibilidade de atenuação das desigualdades sociais com os egressos de uma instituição de educação superior privada de Brasília.	Thiago Aparecido Gomes da Silva	DF	Com fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Permanência <b>Oportunidades:</b> Inclusão; Rede de apoio
<b>2018</b>	Preconceito e ProUnistas: “Seu lugar não é aqui”	Flávia de Mendonça Ribeiro	SP	Sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> Permanência; <b>Oportunidades:</b> Rede de apoio
<b>2018</b>	A educação superior na formação do professor em exercício na educação básica	Jaime Antonio Nalin	RS	Sem fins lucrativos	<b>Desafios:</b> <b>Oportunidades:</b> Inclusão

	pública: um estudo de caso do benefício do Prouni				
<b>2018</b>	Aquisição de capital social dos bolsistas autodeclarados negros no contexto do Programa Universidade Para Todos	Gizane Pereira da Silva	DF	-	<b>Desafios:</b> Exclusão <b>Oportunidades:</b> Rede de apoio, Inclusão

Fonte: Elaboração própria.

Dos trinta e sete trabalhos selecionados da base BDTD, destacamos que a dimensão de desafios com maior incidência foi a de permanência, estando presente em vinte e seis trabalhos. Quanto a dimensão das oportunidades, a inclusão foi a que teve maior relevância, estando presente em quase todos os trabalhos analisados – trinta e quatro dos trinta e sete. Nota-se que as dimensões com maiores incidências dos trabalhos selecionados da BDTD são as mesmas da base SciELO.

Quanto às categorias administrativas das IES, dez trabalhos foram feitos com prounistas de instituições com fins lucrativos, dezesseis em instituições sem fins lucrativos, cinco trabalhos com foco em IES de ambas as categorias (com e sem fins lucrativos). Em seis trabalhos, não conseguimos informações para determinar a categoria administrativa da instituição estudada na tese/dissertação. Observamos que, assim como nos artigos da base SciELO, os trabalhos têm maior foco em IES sem fins lucrativos. Uma hipótese que podemos levantar para esse evento é a de que as instituições sem fins lucrativos normalmente possuem Programa de Pós-Graduação e os pesquisadores desses programas costumam pesquisar a própria instituição da qual fazem parte. Isso foi comum principalmente nas PUC's, onde os pesquisadores eram vinculados aos PPG's e seus trabalhos tiveram como foco prounistas dessas instituições. Não obstante, a proporção entre trabalhos com IES com fins lucrativos e sem fins lucrativos foi menor na BDTD do que na SciELO.

Essa diversidade também se expressa na localização das IES foco dos trabalhos. Enquanto na base SciELO quase toda totalidade estava focada nas regiões

Sul e Sudeste, na base BDTD tivemos uma maior diversidade de regiões do país – ainda que predomine as mesmas dos artigos.

## Capítulo 3– Análise dos resultados: os desafios na visão dos prounistas

Em um primeiro olhar, a oposição entre desafios e oportunidades parece refletir uma concepção dualista, como se tais categorias fossem transmutações do bem e do mal. Ao contrário disso, concebemos as categorias empregadas de uma forma mais próxima de uma dialética em que a contradição entre essas categorias, na verdade, se dá de forma a se complementarem.

Isso será exemplificado nos resultados expostos a seguir, nos quais percebemos que os desafios de alguma forma são os potencializadores das oportunidades e estas, por sua vez, nascem da necessidade que surge dos desafios.

Ainda sobre as categorias, é importante salientar que estas são elaborações do pesquisador. Ou seja, consideramos, por exemplo, que conseguir um emprego se insere na categoria de oportunidades e o inverso como um caso de desafio. Todavia, não temos acesso aos valores dos entrevistados. Não sabemos se, de fato, o informante considera conseguir um emprego como algo que se encaixe em sucesso, e não conseguir um emprego como um caso de fracasso.

Não queremos, todavia, relativizar tais conceitos. Baseando-se no conceito de perspectivismo de Ortega y Gasset (2016), consideramos que a verdade do objeto existe, todavia ela se expressa através de olhares dos sujeitos sociais e esses olhares estão carregados de subjetividades.

Na primeira categoria, a qual intitulamos como desafios, encontraremos questões sociais que não são exclusivas e nem criadas no ambiente universitário, como o preconceito e as desigualdades sociais. Pensando o ensino superior como sendo um contexto em que diferentes atores sociais se inserem, é esperado que dinâmicas sociais se reproduzam nesse ambiente.

### 3.1 – Desafios: a permanência estudantil

Vimos, no capítulo 1, que o ProUni é uma política que visa fornecer o acesso a estudantes no Ensino Superior. Em relação à permanência, o desenho do programa

prevê bolsa permanência destinada a estudantes que tenham renda média familiar de até 1,5 salário-mínimo e que estejam em curso de graduação com carga horária diária igual ou superior a 6 horas. O valor recebido foi regulado através da Portaria do MEC nº 389.

Mas se por um lado a permanência é uma das principais dificuldades levantada pelos prounistas, por outro se trata de um problema ainda abstrato. Afinal, o que entendemos por permanência?

Maciel, Cunha e Lima (2019), ao analisarem as produções científicas sobre a permanência e a evasão estudantil, compreenderam que diferentes concepções são elaboradas. De um lado, há trabalhos compreendendo a permanência como um sinônimo de retenção, ou seja, uma política de permanência seria aquela que fornece condições objetivas para que o aluno conclua seus estudos. Por outro lado, os autores mencionam que há trabalhos apontando para um aspecto também simbólico da permanência, que estariam relacionadas com a subjetividade do estudante e com sua relação de pertencimento com o ambiente no qual está inserido.

De maneira geral, podemos então compreender a permanência como algo que possui uma dimensão material e uma dimensão subjetiva. Tais dimensões não são separáveis, mas compõem um conjunto de necessidades para que o aluno que teve acesso ao ensino superior conclua seus estudos de maneira plena. Dessa forma, quando olhamos para as questões materiais de permanência, podemos citar como exemplo moradia, transporte, alimentação, acesso aos materiais didático etc. Já nas questões simbólicas, podemos compreender como as disposições acadêmicas para o bem estar estudantil. Aqui temos as relações que ocorrem entre os próprios estudantes, como movimentos sociais, centros e diretórios acadêmicos, grupos de estudos e círculos de amizades, bem como as relações que se estabelecem entre os estudantes e o corpo universitário exterior: a relação entre professores e alunos, a relação entre o estudante e o ambiente universitário (biblioteca, grupos de pesquisa, bolsas de estudos, intercâmbios etc.).

Heringer (2018), ao refletir sobre a questão da permanência como um problema ainda não superado no país, faz uma relação com o processo de expansão do ensino superior na França. Lá, após um período de entusiasmo pela conquista do acesso no ensino superior de classes historicamente excluídas do ambiente acadêmico, os

estudantes começam a lidar com um período de frustrações devido a questões de permanência:

Para melhor compreender as dificuldades enfrentadas pelos estudantes com origem social menos privilegiada e de grupos tradicionalmente excluídos do ensino superior, podemos lançar mão de reflexões empreendidas por Pierre Bourdieu, como representante das formulações já clássicas da sociologia das desigualdades de oportunidades educacionais, e também de Alain Coulon. Ao descrever o processo de aumento do acesso ao ensino secundário por parte de grupos “culturalmente desfavorecidos” na França, Bourdieu apontou um processo semelhante ao que pode estar ocorrendo hoje no Brasil em relação ao ensino superior. Após um período de ilusão e euforia, os novos beneficiários do secundário teriam compreendido, pouco a pouco, que não bastava ter acesso a este nível de ensino para ter êxito nele. Bourdieu apontou o risco de as promessas de democratização feitas não se concretizarem e de que muitos jovens vejam seus planos serem logrados. (HERINGER, 2008, p. 12)

Nos próximos dois subtópicos, nossa análise estará focada justamente nessa tensão entre o acesso e a permanência, sendo que, num primeiro momento, nos centramos nas dificuldades materiais desse processo e em um segundo momento, nos aspectos subjetivos.

### 3.1.1 – A Permanência estudantil: dificuldades materiais

Antes de dar prosseguimento à análise das dificuldades de permanência enfrentada pelos estudantes, reforçamos que as divisões feitas se dão para fins científicos de análise. Dessa forma, as dificuldades materiais e subjetivas não são expressas através de uma linha bem definida e, diversas vezes, aparecem entrelaçadas.

Dito isso, quando olhamos para os artigos analisados conseguimos compreender a existência dessas formas de permanência de maneira mais clara. Felicetti (2014), em estudo com prounistas de uma universidade comunitária do Rio Grande do Sul, notou que as três principais dificuldades enfrentadas pelos prounistas eram em relação ao trabalho/tempo, questões financeiras e transporte. Almeida (2009), também em instituição sem fins lucrativos, notou as mesmas dificuldades enfrentadas pelos bolsistas. Silva (2016) em seu estudo expõe que os prounistas levantaram questões financeiras e de tempo como os principais obstáculos enfrentados. Como veremos nos trabalhos analisados nesse tópico, as dificuldades materiais para a permanência estudantil se desdobram em três principais problemas:

I) alimentação; II) transporte; III) tempo. Felicetti (2014), ao entrevistar um prounista que levanta essa dificuldade, pontua que

A jornada dupla de trabalho para os Prounistas, mesmo com bolsa integral de estudos, foi essencial para a permanência no curso. Isso é evidente em muitas falas dos respondentes, entre elas: “Eu ganhei a bolsa integral e mesmo assim trabalhava o dia inteiro para ajudar com os gastos em casa, pagar o transporte e poder realizar um lanche na universidade, pois saía do trabalho direto para estudar”.(FELICETTI, 2014, p.534)<sup>8</sup>

Ou seja, a ausência de uma política de permanência no desenho do programa que atinja a maioria dos prounistas impele que os estudantes busquem outras formas de dar continuidade nos estudos. Especificamente nessa entrevista, o prounista necessitava do trabalho para possuir condições financeiras para se locomover para a universidade e se alimentar, questões que, tecnicamente, se inserem no quesito material de permanência, mas que se reverberam nas questões subjetivos. Temos aqui exemplificado a forma como a permanência é um emaranhado inseparável de disposições materiais e subjetivas necessárias aos estudantes, principalmente aos bolsistas, para que se sustentem na universidade.

Em estudo com prounistas dos cursos de Administração, Psicologia e Direito de uma IES do RJ, também comunitária, Santos (2012) observou que tais estudantes também levantaram a permanência como uma dificuldade enfrentada durante o percurso acadêmico:

Com relação às dificuldades para a permanência no ensino superior, apenas 10% (n = 4) dos bolsistas de Psicologia, 18% (n = 7) do curso de Administração e 12% (n = 10) de Direito declararam uma inserção na instituição sem maiores problemas. Na verdade, para muitos bolsistas, o primeiro período da graduação é um dos mais difíceis de ser “vencido”, porque geralmente, nesta etapa, o aluno não tem acesso aos auxílios do Fesp. (SANTOS, 2012, p. 783)

Além disso, o estudo de Santos (2012) levantou que cerca de 50% dos prounistas do estudo trabalhavam no período em que estavam na graduação e que também enfrentaram dificuldades com alimentação, transporte e tempo. Os entrevistados pela autora ainda pontuaram que tais ausências de permanência

---

<sup>8</sup> Fala da entrevista “(E1F)”, presente na pesquisa de Felicetti (2014).

também possuem uma dimensão subjetiva, visto que são fatores de desmotivadores no percurso acadêmico.

Entrevistadas por Borba (2017) pontuam inclusive o trancamento do curso por falta de condições de arcar com os custos de transporte e alimentação:

Marisa\*: Eu parei, eu tranquei a faculdade semestre passado por falta de condições de pagar passagem né, sou bolsista ProUni, então apertou demais o fato de não ter como né, pagar as passagens né, então... Cristiane\*: Tu tem um dia que tem que escolher assim Thamires óh: ou tu paga passagem pra ti vim pra aula ou tu compra o leite, é difícil (pausa). E eu já passei isso (pausa), mas hoje não, hoje não, tá bem melhor a situação (pausa), eu espero terminar o direito. (BORBA, 2017, p. 103)<sup>9</sup>

Ghelere (2014), ao analisar dados de prounistas de uma universidade de Santa Catarina, observou o alto custo para se manter na universidade, uma vez que 95% dos respondentes relatam gastar até 1 salário mínimo para se manter na graduação, pontuando a alimentação como o fator de maior gasto. O trabalho de Milanez (2016) também evidencia como os prounistas sentem que o programa promove, nas palavras do autor, uma inclusão incompleta, visto que nas falas dos bolsistas que entrevistou ficou evidente que, apesar de terem o acesso ao ensino superior, grande parte deles precisava continuar trabalhando e possuía dificuldades para custear transporte e alimentação. Borges (2018) notou que a principal dificuldade relatada pelos prounistas foi a de permanência, principalmente em questões econômicas. Aqui é interessante que o trabalho tem enfoque em prounistas e beneficiários do PBF. No trabalho de Leite (2009), o prounista estudado pela autora também expressa esse sentimento de uma inclusão incompleta, uma vez que as questões financeiras e emocionais foram uma barreira para a permanência no ensino superior.

Relatos semelhantes estão no trabalho de Neves (2011), como observamos na fala de um entrevistado:

P 3 – [...] Agora com relação a permanência, eu acho assim que o governo poderia é criar outros tipo de método que o aluno ganhasse uma bolsa pra permanecer nos estudo, você sabe que na faculdade o problema não é só entrar, mas tem a passagem de ônibus, materiais didáticos, os livros, sucessivamente, então acho que a parte de acesso ta boa, mas a parte de permanência o governo poderia criar algo diferente pra tentar ajudar esses alunos a permanecer na faculdade (NEVES, 2011, p. 108)<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> Fala da entrevistada, "Marisa", presente no trabalho de Borba (2017)

<sup>10</sup> Fala de entrevistada no trabalho de Neves (2011)

Santana (2010) levanta uma questão interessante também em relação à permanência. Em estudo empírico com alunos bolsistas e não bolsistas do curso de pedagogia de uma IES do DF, o estudo demonstra que mais de 40% de alunos não bolsistas acreditam que o ProUni deveria adotar mais medidas de permanência, e a parte intrigante do estudo é que a porcentagem é superior à de alunos bolsistas. A hipótese da pesquisadora é de que os bolsistas têm uma posição de “defesa” da política da qual fazem parte.

Na pesquisa de Rocha (2015), encontramos relatos de bolsistas que abandonaram o curso. Nos relatos, foi possível observar as questões financeiras e de tempo como fatores cruciais no processo de evasão, conforme observamos nas falas dos prounistas:

“Conciliar trabalhos e estudos, eu viajo muito e ainda ajudo em casa a minha esposa e cuido da minha filha. A minha empresa exige bastante viagem. A conciliação de trabalho e estudos, infelizmente o meu trabalho é à noite e optei por este por receber 40% de adicional que da mais ou menos R\$ 500,00 quinhentos reais. Antes eu iniciava às 23h e depois a empresa mudou o horário para 22h então não consegui mais conciliar. Optei pelo emprego.”  
(AL)

“Foi difícil, tanto que uma das minhas motivações para parar de estudar foi devido ao estresse, não aguentava mais os deslocamentos para a faculdade e o pouco tempo para o estudo, tanto que cheguei a reprovar. Muito estresse e cansaço”. (AC) (ROCHA, 2015, p.102)<sup>11</sup>

Quanto ao transporte e moradia, as entrevistas com prounistas feitas por Abdal e Navarra (2014) apontaram casos em que no momento da opção pela IES, o bolsista acaba dando preferência por aquela mais próxima do local onde mora, do que por questões ligadas à qualidade da instituição. Em entrevista, um prounista coloca aos autores que

Na fala de outro vizinho, ao justificar a escolha da IES, mais uma vez aparece a articulação de forma bastante clara entre qualidade e proximidade. Note-se que ele não foi aprovado em sua primeira opção, mas foi em todas as outras: Era a PUC [a primeira opção de IES na inscrição do ProUni], aí depois a UniSant’Anna, que era perto da minha casa, a Uninove, que também tem aqui perto, e a Uniban, que também tem aqui próximo ao Campo de Marte. Então eu escolhi pela proximidade e pela qualidade, na verdade a minha primeira opção era a PUC, ficaria um pouco mais longe. (ABDAL e NAVARRA, 2014, p.80)<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> Fala de entrevistados no trabalho de Rocha (2015)

<sup>12</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Abdal e Navarra (2014).

Em estudo com prounistas de uma instituição confessional, Anhaia (2013) também evidencia que as questões de transporte e alimentação são uma barreira para a permanência no ensino superior. Tais problemas afetam psicologicamente os bolsistas. Na visão dos entrevistados:

Teve a questão de eu não ter dinheiro pro ônibus que impossibilita, né? A gente de ir para a faculdade... e é muito complicado daí tu passar por uma situação dessas daí, **a gente também percorre pelo psicológico** (grifo nosso). Porque daí a gente pensa: “Ah, a gente não tá fazendo nada certo” ou “A gente não tá conseguindo o básico para fazer uma faculdade”. (ANHAIA, 2013, p.163)<sup>13</sup>

O estudo nos permite compreender a permanência como algo não dissociável da inserção. Se a moradia, o trabalho e a alimentação condicionam a escolha da IES pelo prounista, então temos questões de permanência influenciando a inserção.

Já no trabalho de Ferreira (2011) encontramos ainda as dificuldades dos prounistas que recebem apenas 50% da bolsa, tendo que arcar com a outra metade do valor da mensalidade, além dos custos com moradia e alimentação:

O mais difícil foi pagar as mensalidades. Mesmo com 50% de bolsa era eu quem tinha que pagar minha faculdade, e na época com um salário de 400,00 ficava apertado. Assim aprendi a viver com R\$150,00 por mês que era o que sobrava de meu salário. Mas hoje vejo que valeu a pena. (FERREIRA, 2011, p.119)<sup>14</sup>

Borghi (2014), ao entrevistar prounistas de uma IES da Bahia, também levantou algumas falas em que os bolsistas não possuem condições de arcar com os materiais que a profissão exige, conforme observamos na fala de uma entrevistada:

Shannon (26 anos)-No meu curso, por exemplo, que eu tenho que sair pra fazer matéria, gravar matéria externa. Esse semestre mesmo, estamos fazendo programa externo. Às vezes a gente já tá tão cansada, tem que vir na Faculdade agendar pra sair com o cinegrafista e a Faculdade não tem carro, tem que conseguir um carro de alguém, porque eu não tenho carro. Pagar a gasolina dessa pessoa, pegar o cinegrafista. São no mínimo três fontes; tem que levar o cinegrafista em cada lugar que estão as fontes pra gravar uma matéria. Isso não sou só eu; minha equipe, cada um tem que fazer isso e ninguém tem carro, entendeu? E aí, se vem outra matéria, a gente tem que sair pra fazer fotografia e aí tem que pegar a máquina, de ônibus, da

---

<sup>13</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Anhaia (2013).

<sup>14</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Ferreira (2011).

faculdade e, se eu perder a máquina ou quebrar, eu tenho que pagar. Eu falo de Jornalismo porque é um curso muito prático, mais prático do que teórico. (BORGHI, 2014, p.208)<sup>15</sup>

Mas se os trabalhos apontam para a permanência como um dos principais obstáculos no ensino superior, alguns relatos vão no sentido contrário, apontando que não houve grandes dificuldades no percurso acadêmico. Esse é o caso do trabalho de Marques (2010) em que a autora, ao realizar entrevistas com prounistas negros de uma IES do Mato Grosso do Sul, observou que há relatos de problemas com a permanência, mas, por outro lado, há bolsistas satisfeitos – principalmente, pelo fato de a Universidade oferecer vale transporte. Verificamos isso nos seguintes relatos:

Para mim não houve nenhuma dificuldade, pois eu moro com meus pais, não tenho dificuldade financeira, não trabalho, não pago universidade, tenho vale transporte, os livros eu pego na universidade. Recebo bolsa integral (Bolsista 17, acadêmico de Direito – UCDB)

Não tive dificuldades pois a partir do momento que eu entrei fui beneficiado, com a bolsa do ProUni e com o vale transporte. Temos a biblioteca, que é cheia de livros e nos atende de maneira satisfatória para as pesquisas e aprendizado de conteúdo, Quanto à questão de conhecimento, de maneira nenhuma fiquei atrás de ninguém (MARQUES, 2014, p. 195)<sup>16</sup>

Por fim, compreendemos que as dificuldades econômicas ainda estão distante de serem resolvidas. Mesmo em caso de estudantes que recebem o auxílio permanência, há relatos de que são insuficientes – como é o caso de estudo realizado por Ribeiro e Guzzo (2020) em que prounistas também beneficiários do auxílio permanência pontuaram que tal auxílio não é suficiente para cobrir os gastos com alimentação, moradia, xerox etc. Trabalharemos isso de forma mais específica no próximo tópico, mas consideramos importante enfatizar que, na ausência de uma diretriz geral para políticas de permanência relacionados à questão material no desenho do programa (com fonte de financiamento e contrapartidas), as iniciativas ficam a cargo de cada IES (individualizadas). E, portanto, diferenciam de maneira significativa.

### 3.1.2 A permanência estudantil: aspectos subjetivos

---

<sup>15</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Borghi (2014)

<sup>16</sup> Trecho de fala de entrevistada no trabalho de Marques (2014)

Sendo verdade o que postulamos, de que as categorias aqui analisadas se interlaçam, parece-nos interessante dar início à análise das dificuldades subjetivas para a permanência estudantil, analisando um trabalho em que a pesquisadora nota de maneira explícita as relações entre os aspectos objetivos-financeiros e os aspectos subjetivos-psicológicos. Trata-se do já mencionado estudo de Felicetti (2014) que, em relato à pesquisadora, um entrevistado coloca que as dificuldades financeiras o levaram a um estresse psicológico e emocional, conforme observamos:

É também mental, uma vez que a tensão e a preocupação são constantes na estrada, pois as condições muitas vezes são precárias. Mesmo assim, os graduados faziam do tempo gasto no percurso um tempo de estudo: “Eu aproveitava o tempo lendo. Às vezes, tem leituras tão complexas que não dá para ler no ônibus. Graças a Deus não passo mal quando leio no ônibus”. (FELICETTI, 2014, p.534)<sup>17</sup>

Já em relatos no trabalho de Vieira (2017), observamos a maneira como a permanência se relaciona com a exclusão e como as questões financeiras se entrelaçam com as psicológicas. Na fala, observamos que o pronunista, por questões financeiras, teve o seu estado psicológico abalado, e, por isso, desenvolveu doenças estomacais. Em suas palavras:

A vida do estudante é muito complicada, pobre coitado não tem tempo nem de trabalhar, vive no mundo das escolhas, faz um lanche ou tira xerox de um trabalho? Contudo, no término do curso ainda tem que cuidar do estômago com uma gastrite causa de preocupações acadêmicas. Entretanto, obtém um bom conhecimento para o mercado de trabalho. [sic] (VIEIRA, 2017, p. 124)<sup>18</sup>

Em estudo com foco no estudo dos fatores psicológicos da permanência estudantil, o trabalho de Ribeiro e Guzzo (2020) realizado em uma IES comunitária de São Paulo evidenciou que os pronunistas possuem consciência dessas dificuldades de maneira crítica. No estudo virtual realizado pelas autoras, levantam a fala de uma participante que exemplifica essa consciência sobre a permanência e, especificamente, sobre as questões subjetivas:

(...) estou cansada do governo e da IES acharem que estão fazendo um favor pra mim, quando na verdade mal cumprem com a sua obrigação. Muitos simplesmente ignoram a nossa existência aqui e acham um insulto quando dizemos desigualdade social. Insulto (...) é um professor dizer na sala que

---

<sup>17</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Felicetti (2014)

<sup>18</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Vieira (2017)

todos ali presentes eram da classe A. Insulto é ter que comer salgados para economizar ou o custo que temos com xerox, livros e outras coisas, que ninguém liga para como faremos para pagar. (...) [Precisamos] mudar essa agressão mascarada que sofremos!. (RIBEIRO; GUZZO, 2020, p. 425)<sup>19</sup>

Além das questões psicológicas demonstradas nos trabalhos anteriores, outra questão dentro do tópico subjetivo da permanência remete à dificuldade de transitar para o ambiente acadêmico. Nesse sentido, Mongin (2016) levanta a permanência como um processo no qual o prounista se encontra num ambiente novo, em que o sentimento de pertencimento se constrói arduamente, visto que há barreiras que separam os bolsistas e os não bolsistas. Em entrevista com beneficiários do ProUni, a autora compreende que esse processo de transição

[...] é construído entre muitos dilemas e constrangimentos. A inserção em um novo universo de significados traz à tona sentimentos e sentidos diversos reveladores, muitas vezes, do dilema inerente à condição de ser universitário e bolsista. Mesmo que o outro não seja objetivamente definido, há, por parte da maioria dos estudantes, a sensação de que a vida transita entre dois mundos, em universos simbólicos diferentes. Por isso, ao mesmo tempo em que o acesso à nova posição é comemorado, a percepção da alteridade pode se apresentar como um desafio (MONGIN, 2016, p. 816)

Essa compreensão de transitar entre dois mundos diferentes também aparece no trabalho de Rizzo (2010), no qual prounistas pontuam que o acesso ao ensino superior possibilitou um novo olhar para o mundo e um novo status social. Esse fenômeno fez com que eles próprios tivessem uma relação diferente com o local de origem, assim como a antiga rede de contatos desses bolsistas passam a ter uma visão diferente sobre esses bolsistas.

A inserção em um ambiente novo, marcado historicamente pela exclusão dos mais pobres, sem uma política ampla de permanência impele que os estudantes busquem estratégias, pessoais e coletivas, para amenizar as dificuldades. Pires, Romão e Varollo (2019), em entrevista com prounistas de uma universidade comunitária, notaram que esses estudantes precisavam fazer um duplo esforço para ingressarem e permanecerem na universidade. Não se trata, de acordo com os autores, de um processo individual, mas sim de um esforço familiar para que o processo de ingresso fosse possível. Nesse duplo esforço, os autores apontaram as questões de trabalho em contraturno aos estudos, além da busca (em internet,

---

<sup>19</sup> Trecho de fala de entrevistada no trabalho de Ribeiro e Guzzo (2020)

cursinhos populares etc.) para suprir as lacunas educacionais do ensino básico. Já na universidade, os entrevistados pontuaram também questões materiais e simbólicas:

Eu tive no primeiro semestre, quando... como eu venho de uma família assim... muito... muito sofrida, muito, não tem estrutura nenhuma financeira, quando eu entrei na faculdade, eu, assim, foi um baque, não sei se é a palavra certa, se não tem um... meio que eu tomei um susto. Eu entrei na sala, era a única diferente. [...]. Porque, quando eu entrei, entrei de chinelo, não tinha nem... tava frio e eu não tinha nem um agasalho pra usar. Eu tinha vergonha de falar pras pessoas também. Que tava precisando. (PIRES, VAROLLO, ROMÃO, 2019, p. 15)<sup>20</sup>

Tais problemas foram levantados também por outros entrevistados pelos autores. Questões como vestimentas, acesso a lugares como festas e eventos acadêmicos e o acúmulo de informações sobre a vivência acadêmica foram pontuadas como pontos de dificuldade na permanência acadêmica. Trata-se de uma exclusão não só física, mas também simbólica. Em palavras diferentes, os relatos dos prounistas se mantêm: o trânsito entre dois mundos e o peixe fora d'água são, essencialmente, discursos próximos.

Em alguns trabalhos, como é o caso do de Nonato (2012) a escolha do curso também apareceu como um problema na visão dos bolsistas. Diversos entrevistados pontuaram que a escolha pelo curso se deu em um contexto em que havia poucas informações disponíveis, além de serem condicionados pelo ambiente social nos quais estavam inseridos. Nas palavras da autora,

A apreciação das falas sobre as escolhas feitas por esses jovens permite perceber que esse público, diferente da classe média, faz sua opção cerceada pelo contexto social no qual se insere. Na maioria dos casos, essa escolha se deu ao final do ensino médio e, em casos mais extremos, durante a inscrição para o ProUni. Nas camadas médias, o grupo familiar faz investimentos que permitem aos jovens ser bem sucedidos mesmo depois da educação superior, na inserção no mercado de trabalho. Essa configuração que não se apresenta nas camadas populares tende a ser um sério impedimento para a elaboração e realização de alguns projetos desses jovens, em especial o ingresso em cursos mais concorridos, restando-lhes garantir as oportunidades que surgem. (NONATO, 2012, p.128)<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> Trecho de fala de entrevistada no trabalho de Pires, Romão e Varollo (2019)

<sup>21</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Nonato (2012).

A influência social e familiar se confirma quando a autora também pontua que entre os 10 entrevistados na pesquisa, 9 disseram ser os primeiros da família a terem acesso ao ensino superior.

No mesmo trabalho, podemos identificar falas que demonstram que a permanência e a exclusão são desafios que, muitas vezes, estão interligados. O exemplo é quando prounistas entrevistados no trabalho de Nonato (2012) se dizem sentir excluídos de atividades acadêmicas, como a extensão, e que isso impacta diretamente na permanência, visto que tais atividades são remuneradas. Como já mencionado, atividades remuneradas podem fazer com que os bolsistas percam suas bolsas em virtude de aumento da renda per capita familiar. Relatos parecidos são encontrados no trabalho de Borba (2017) e de forma específica no de Ghelere (2014) no qual um entrevistado acredita que

Incentivar maior contato dos acadêmicos com atividades extra curriculares na universidade, fazendo com que os alunos tenham maior experiência, facilitando o entendimento das aulas, assim possibilitando a permanência dos mesmos na universidade. (GHELERE, 2014, p. 133)<sup>22</sup>

Rizzo (2010) também apresenta que 72% dos prounistas que responderam questionário aplicado pelo pesquisador não participaram de nenhuma outra atividade acadêmica além da graduação. Entrevistados por Ferreira (2016) também colocaram a participação em eventos extracurriculares como um ponto a ser melhorado no programa – além das dificuldades em obter os materiais necessários para trabalho (jalecos, livros etc.).

### 3.2 – Desafios: a exclusão

A linha que separa os trabalhos categorizados no tópico de permanência e os categorizados aqui no tópico de exclusão é bem tênue. Quando analisamos os processos sociais que tornam a permanência estudantil um problema, estamos também de certa forma falando de exclusão. Em outras palavras: a exclusão também é um problema para a permanência, e a permanência também é uma forma de exclusão.

---

<sup>22</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Ghelere (2014)

De todo modo, o que nos permitiu fazer a separação entre esses tópicos foi a maneira como a pergunta foi realizada pelo pesquisador ao prounista e a maneira como este respondeu.

Neste tópico, analisamos como as questões de classes, preconceitos (estereótipo de gênero, preconceitos com a sexualidade e racismo) se dão de maneira a fazer com que os bolsistas se sintam excluídos do ambiente acadêmico. Encaixam-se no tópico também questões financeiras, mas para além disso, as predisposições de classe para a inserção no ensino superior: a possibilidade de obter, ou não, os materiais necessários para o exercício das atividades práticas do curso; a possibilidade, ou não, de participar de atividades extracurriculares, como iniciação científica e projetos de extensão. No lado vinculado aos preconceitos, notaremos novamente que, longe de ser um problema exclusivo do ambiente universitário, tais preconceitos, que perpassam toda a sociedade, adquirem características únicas entre os bolsistas.

Um exemplo disso é que, como veremos no tópico sobre a inserção, diversos trabalhos mostram prounistas relatando que ter o ensino superior possibilitou que frequentassem ambientes que antes não tinham acesso. Isso vai desde teatros e cinema, até boates, bares etc.

A experiência acadêmica, dessa forma, transcende as questões intelectuais. Apesar de ainda serem poucos os estudos sobre as coletividades dos bolsistas (como a participação deles em coletivos negros, feministas, LGBT...), há relatos que nos permitem acreditar que a inserção no ensino superior é uma possibilidade da construção do próprio indivíduo. Se para as classes altas frequentar ou não uma boate gay é uma questão menos complexa (visto que possuem recursos financeiros para isso), para grande parte dos bolsistas isso só torna possível através do ingresso no ensino superior: seja por se mudarem para uma cidade maior, seja por passarem a ter contato com uma diversidade maior de pessoas. Veremos alguns relatos que confirmam nosso ponto de vista.

O primeiro trabalho analisado nessa categoria foi o de Oliveira e Molina (2012), que, em estudo realizado com prounistas de uma IES de MG, levantaram o ponto de que o ProUni é uma política que favorece a diversificação do ensino superior, visto que insere pessoas de classes e etnias que, historicamente, foram excluídas do ambiente acadêmico. Nas palavras das autoras,

Sobre os efeitos do ProUni ou das políticas afirmativas no Unileste/ MG, há evidências de que favoreceram o ingresso de estudantes com perfil diferenciado daqueles até então matriculados, beneficiando o atendimento a uma demanda reprimida, o que foi evidenciado nos depoimentos dos colaboradores. No entanto, a tarefa de dimensionar essa contribuição, especialmente para a população negra, não foi possível nesse momento devido à falta de dados e informações sobre a condição racial dos estudantes que frequentam os cursos. Esse fator tem dificultado gestores e professores na formação de práticas diferenciadas em prol da permanência qualificada desses estudantes. (Oliveira e Molina, 2012, p.761)

Também analisando formas de preconceito e exclusão por parte das IES, como é o caso de prounistas entrevistados por Aranha Neto (2014) e de forma bem específica no trabalho de Bissinela (2017), que, ao entrevistar prounistas egressos do EJA, notou que bolsistas se sentiam deslocados do próprio ambiente universitário, sem conhecimentos de informática, por exemplo, o que levava os mesmos a se sentirem excluídos da universidade. Na fala de um entrevistado:

Nada, nem sabia no início, nem tinha muita ideia, não tinha nem computador, não sabia nem chegar na biblioteca direito, isso foi ontem de tarde. Mas eu não peguei essa, de coitado, peguei e fui de atrás. Aí eu conheci algumas colegas, eu chegava para a professora no final da aula e dizia: Não tenho computador para baixar esse material. E ela respondia: Tu vai ter que ler um pouco mais, vai ter que pegar os livros na biblioteca. Aí eu peguei e comecei a pegar os livros e ler mais. (BISSINELA, 2017, p.108)<sup>23</sup>

No trabalho de Alves (2016) prounistas também relataram que sentiram formas de preconceito por parte da instituição da qual fazem parte, mas sem especificar de qual forma. Já em outros relatos no trabalho da mesma pesquisadora, prounistas pontuaram não terem sofrido preconceitos. Um entrevistado explica isso através do esforço pessoal:

“Nunca sofri preconceito, pois acredito que meu esforço pessoal justifica todas as dificuldades de se manter numa faculdade. Eu valorizo cada dia a mais minha trajetória”. (ALVES, 2016, p. 57)<sup>24</sup>

Entrevistados no trabalho de Estacia (2009) também relatam não sentirem preconceito no percurso acadêmico e fazem essa associação com o esforço pessoal também. A relação do esforço pessoal, com a exclusão e a permanência se

---

<sup>23</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Bissinela (2017).

<sup>24</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Alves (2016)

entrelaçam nas falas de alguns entrevistados na pesquisa de Rodrigues (2009), na qual estes possuem a seguinte percepção:

“[...] muitos conseguem a bolsa e não fazem esforço, então é bom essa análise né, de fazer com que o aluno se dedique, e ele percebendo que ele pode perder, é um incentivo a mais para permanecer na faculdade já que ele quer realizar seus planos, seus sonhos” [Felipe, aluno de administração e bolsista]” (RODRIGUES, 2009, p. 128)<sup>25</sup>

Ainda quanto aos preconceitos, uma prounista, em entrevista com Oliveira (2017), conta não ter sentido preconceito, mas acredita que isso se deva ao fato de seu curso ter uma característica de receber estudantes de diversas classes sociais, e acrescenta que, caso fosse um curso mais elitizado, a situação poderia ser diferente. Nas palavras da entrevistada:

E6: “Acredito assim como é uma instituição que tem muito, apesar de ter cursos muito caros, então assim são pessoas que tem padrão de vida totalmente diferente da maioria que são PROUNI né. Mas de forma nenhuma eu cheguei a perceber olhares diferentes em relação à questão social, na minha própria sala também todo mundo sabe que eu sou do interior, que eu também nunca vi olhares estranhos por que na minha sala a maioria é PROUNI também né. Então assim e o nosso curso em si ele não tem um padrão de pessoas que tem uma condição social muito elevada né, são pessoas médias, medianas. Se eu fosse fazer outro curso aqui mais caro da instituição não sei se eu teria essa mesma inclusão, acredito que sim né. Mas eu não senti nada de preconceito em relação a isso não”. (OLIVEIRA, 2017, p. 66)<sup>26</sup>

Santos (2012) acentua que, quando se trata dos preconceitos, o social acaba sendo mais explícito que o racial:

as dificuldades de relacionamento são percebidas mais em termos sociais do que raciais. Também não há uma percepção generalizada de que esses problemas de convivência sejam fruto de práticas de preconceito racial ou social por parte dos alunos pagantes, ainda que tenham sido relatadas algumas situações percebidas enquanto tais e uma entrevistada tenha afirmado sofrer preconceito social (SANTOS, 2012, p.785)

E a autora exemplifica tal fenômeno através da fala de uma entrevistada de sua pesquisa:

---

<sup>25</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Rodrigues (2009)

<sup>26</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Oliveira (2017)

[...] a gente chega aqui e é um ambiente hostil. Porque eu acho que se não fosse essas pessoas da sala [outros bolsistas], que fomos falando da mesma realidade, eu não sei como seria. Não é que role preconceito, não é isso, ao menos comigo nunca teve, mas é realmente a diferença social. Eu não vejo acontecer preconceito. O que eu vejo, às vezes, é (sic) as pessoas não terem noção que tem gente que não é da mesma classe social deles aqui. (Bolsista de Psicologia, 9º período) (SANTOS, 2012, p. 785)<sup>27</sup>

Relato parecido encontramos no trabalho de Anhaia (2013) em que prounistas relatam sentir falta de uma estrutura em que os bolsistas possam se reunir para reivindicar as pautas estudantis e também no trabalho de Oliveira (2014), no qual uma prounista sente a exclusão tanto no momento do ingresso no curso, visto que muitas vezes os prounistas entram no curso já em andamento, quanto em questões financeiras, já que, de acordo com a entrevistada, para colação de grau, era necessário pagar um valor e isso se constituía como um obstáculo para os prounistas. Prounistas entrevistados por Borges (2018) também tiveram falas nas quais colocam sentirem preconceito de forma institucional e por parte de outros alunos.

Silva (2019) levanta ainda que o desconhecimento de alunos não prounistas sobre as especificidades do programa leva ao preconceito e à exclusão desses bolsistas. Uma aluna relata ter se sentido ofendida pela fala de um colega de classe que acreditava que o programa fazia com que o nível de ensino decaísse. Nas palavras da entrevistada:

Acho que no primeiro ou segundo semestre [...] a professora [...], eu lembro dela colocar a questão dos bolsistas na universidade, e teve um colega nosso, em medicina, que [...] fez a seguinte afirmação, que eu achei muito infeliz, disse que “os bolsistas diminuiriam o nível da universidade”, ponto, fecha aspas. Lembro que acho que os pontos da faculdade tinham caído das estrelas, tinham caído, e ele relacionou a perda das estrelas com a gente. Eu lembro que foi uma discussão tipo assim, muito bizarra, e eu realmente fiquei bem abatido, no primeiro semestre, eu falei: “Pô, se no primeiro semestre é assim, imagina lá na frente como é que vai ser”. (SILVA, 2019, p. 89)<sup>28</sup>

Um outro tipo de exclusão foi levantado por Fontele e Crisóstomo (2016). Em estudo com 50 prounistas de IES de Fortaleza, os pesquisadores acentuaram que 30% desses estudantes assinalaram que se sentiram discriminados em algum momento da trajetória acadêmica. O principal motivo de exclusão levantado pelos prounistas desse estudo foi em relação a questões intelectuais. 22% dos entrevistados pontuaram que em algum momento sentiram preconceito por parte de professores e

---

<sup>27</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Oliveira (2012)

<sup>28</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Silva (2019)

funcionários da IES, onde de acordo os entrevistados, havia uma percepção de que prounistas eram menos capazes intelectualmente do que os demais estudantes. De acordo com os autores,

Nesse caso em especial, as respostas foram agrupadas conforme o agente da discriminação apontado pelo estudante. (i) Professores e funcionários (22% dos respondentes). a) "Os professores falam que a gente não tem base". (R48) b) "Os professores reclamam pela falta de material". (R47) c) "Só porque não tenho tempo de fazer os trabalhos os professores falam". (R15) d) "Tudo que é de graça as pessoas passam na cara". (R19) e) "Não os colegas, só os professores". (R14) f) "Os professores dizem que a gente tem dificuldade de aprender". (R31) g) "Todo mundo diz que nós somos fracos". (R5) (FONTELE; CRISÓTOMO, 2016, P. 756) <sup>29</sup>

Entrevistadas no trabalho de Borba (2017) relatam preconceito semelhante:

Cristiane\*: Sou excluída. Inclusive entre os próprios bolsistas, porque eles imaginam, eles olham o bolsista como um favor que tu tá tendo, que não é. Eles te olham já com preconceito, eles te olham como mais burra do que eles.  
Bianca\*: Porque tem que toda aquela questão de preconceito, porque as pessoas acham que o bolsista ele é bolsista porque ele tem pouco conhecimento e não é verdade, sabe?! (BORBA, 2017, p. 98)<sup>30</sup>

Aqui observamos que a discriminação levantada foi mais por questões de classe vinculada a questões intelectuais. Ribeiro e Guzzo (2017) também levantam esse tipo de preconceito. Em relato, uma prounista coloca que

P41 ficou malvista dentro do curso e era apontada como ladra e charlatã "por ser prounista". Os alunos ainda afirmaram que se ela não tem dinheiro para continuar no curso e comprar os materiais, era melhor sair e largar a faculdade, pois lá é lugar de gente honesta e que tem dinheiro. Alguns professores também disseram à P41 que para cursar a faculdade é necessário muito dinheiro e investimento, e que se os estudantes bolsistas não tinham condições de pagar tais instrumentos (os que custam, ao todo, cerca de R\$ 15 mil) deve riam escolher outro curso como Licenciatura, Pedagogia, entre outros. P41 ficou muito abalada, queria ir embora e sair dali, estava entrando em depressão (DC02). (RIBEIRO; GUZZO, 2017, p. 426)<sup>31</sup>

Prounistas entrevistados por Aranha Neto (2014) também expuseram sentimento de exclusão por parte da IES, nesse trabalho em específico uma

---

<sup>29</sup> Trecho de fala de entrevistados no trabalho de Fontele e Crisótomo (2016)

<sup>30</sup> Trecho de fala de entrevistadas no trabalho de no trabalho de Borba (2017)

<sup>31</sup> Trecho de fala de entrevistada no trabalho de Ribeiro e Guzzo (2017)

universidade filantrópica de São Paulo. Todavia, aqui ressaltam o papel de desconhecimento dos professores sobre a política, conforme conta a entrevistada:

Você pega um professor no curso de Direito e ele só vai saber: ele chegou um mês depois e ele está me pedindo para fazer uma atividade... então para ele é mais um serviço. Ele não percebeu que foi toda uma estrutura que foi desenhada desse jeito, e que esse aluno também é uma vítima, que ele queria estar aqui um mês antes (ARANHA NETO, 2014, p. 85)<sup>32</sup>

É nesse contexto que temos a atuação de coletivos, como é o caso do Coletivo Negro. De acordo com Oliveira e Molina (2012), tais movimentos são importantes, visto que denunciam o mito da democracia racial, além de possibilitar que diferentes discursos sobre as políticas educacionais sejam produzidos. As autoras colocam que

Mesmo que o Movimento Negro tenha denunciado como mito, a democracia racial permanece no imaginário coletivo. A tendência tem sido diluir a raça em questões sociais mais genéricas, pensando a exclusão em um contexto de diversidade, multiculturalismo, pluralidade, homogeneizando ações, o que amortece iniciativas e práticas pensadas especificamente para determinado segmento. O que é possível depreender dessas análises é que mudanças ocasionadas pela implantação de um programa como o ProUni no contexto do Unileste/MG dependem de concepções pedagógicas, além da intencionalidade política dos professores e gestores. A forma como eles se organizam ao produzir diferentes experiências e responder, de forma favorável ou não, às inovações políticas, como o caso do ProUni, depende, sobretudo, da multiplicidade de leituras possíveis de serem realizadas por esses atores. (OLIVEIRA; MOLINA, p. 762, 2012)

Em contraste com os prounistas entrevistados nos estudos de Oliveira (2017), Estacia (2009), Oliveira e Molina (2012), os autores Saraiva e Nunes (2010), ao entrevistarem prounistas de uma universidade de MG, levantaram a questão de que há bolsistas contrários às políticas de cotas raciais. O argumento seria de que o critério socioeconômico seria mais objetivo do que o critério racial. Nas palavras de um entrevistado:

Não concordo no aspecto de raça. Concordo no aspecto socioeconômico, realmente as pessoas que têm menor poder aquisitivo, famílias de classe inferior têm que ter esse benefício. Acho que isso é fundamental para que as pessoas de classe mais baixa tenham acesso ao curso superior, mas, a outra vertente que relacionada à raça eu discordo totalmente. Um país que preza a igualdade, direitos iguais, igual o nosso, não deveria ter nem isso, nem outros

---

<sup>32</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Aranha Neto (2014)

itens como quotas para negros em universidades. (SARAIVA e NUNES, 2010, p. 956)<sup>33</sup>

No mesmo estudo, os autores pontuam sobre a questão da exclusão. Os entrevistados do estudo afirmaram não vivenciarem situações de exclusão por conta da classe social:

[...] nunca houve preconceito, até mesmo porque estamos inseridos num quadro bem parecido, todo mundo trabalha, paga sua faculdade, tem certa dificuldade para pagar, não estamos num cenário onde não há classes muito distintas. (entrevistado 10) (SARAIVA e NUNES, 2010, p. 957)<sup>34</sup>

Destacamos aqui que todos entrevistados desse estudo são do curso de Administração e se declaram como pertencentes à classe média. Além disso, dos 11 entrevistados, apenas 2 se declararam negros. Um entrevistado, negro e estudante de uma universidade sem fins lucrativos, no trabalho de Leite (2009), também levanta um ponto sobre a questão racial ao se declarar contra as cotas raciais por acreditar que essas reforçam o racismo. O entrevistado, porém, se diz favorável a políticas afirmativas com foco na renda.

Em trabalho com foco específico em prounistas negros, Marques (2010) nota que boa parte dos entrevistados vivenciaram questões de exclusão por serem bolsistas do programa, vivenciaram também situações de racismo. Isso disseminado tanto em cursos de maior prestígio (especificamente, Direito), no qual se observam bolsistas contando que “precisavam se esforçar o dobro” para conseguir se sobressaírem, quanto em cursos de menor prestígio social (licenciatura). Sobre isso, uma prounista relatou dificuldades no momento de arrumar emprego:

Na universidade tanto por parte dos colegas como dos professores não senti nenhuma discriminação. No mercado de trabalho sim. Várias vezes, quando eu fui procurar emprego, nas entrevistas eu percebia o olhar de indiferença em relação a mim, o que não acontecia com outros candidatos brancos. Isso era ainda maior na época em que eu não tinha experiência. **Foi muito difícil conseguir o primeiro emprego que não fosse doméstica, mesmo tendo o ensino médio e com diversos cursos de qualificação.** No meu caso, foi muito difícil superar essa resistência do mercado de trabalho. (MARQUES, 2010, p.211)<sup>35</sup>

---

<sup>33</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Saraiva e Nunes (2010)

<sup>34</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Saraiva e Nunes (2010)

<sup>35</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Marques (2010)

A exclusão por questões de gênero também foi levantada em alguns trabalhos, como no caso de Borba (2017), que, em relato, as entrevistadas compreendem que há um peso maior em ser mãe e estar no ensino superior:

Bianca\*: Eu tenho a minha filha de 10 anos, eu já tive assim vários momentos que eu me senti culpada de não estar em casa. Sabrina\*: E a minha mãe me ajuda, só que ela não pode me ajudar sempre, meu irmão pra ficar com ele [o filho], então eu posso estudar 3 vezes por semana, mais que isso não. Sara\*: Tu, tu quando tu é mãe eu acho que tu vai pensar em ti depois, entendeu?! Alice\*: Uhum, ainda mais a gente que é dona de casa, ah é máquina que tá lavando... Cristiane\*: E aí tu tá aqui e tu tem 3 filhos em casa, tu tem que manter a casa, tem que pagar as contas. (BORBA, 2017, p.105)<sup>36</sup>

No trabalho de Pereira (2017), pode se observar situação semelhante na fala de uma entrevistada do curso de Pedagogia quando se refere ao pensamento de seus pais:

[...] mulher não nasceu para estudar, mulher nasceu para cuidar de casa e, como eu estava prestes a casar e cresci vivenciando isso, vivendo aquela coisa que mulher era submissa ao homem, que mulher tinha que ficar em casa cuidando de criança e cuidando do marido, que o marido tinha uma liberdade de sair e entrar na casa na hora que queria e a mulher tinha que abaixar a cabeça, então acho que fui crescendo [pausa], só que eu não cresci igual, eu cresci diferente, eu cresci buscando sempre mudar. (PEREIRA, 2017, p.60)<sup>37</sup>

E, por fim, um outro tipo de preconceito levantado nos trabalhos foi em relação a deficiências. No trabalho de Duarte et al. (2013), os pesquisadores levantam que, em Juiz de Fora, há um maior número de alunos com algum tipo de deficiência matriculados em IES privadas do que em IES públicas. Por outro lado, os autores também pontuam que ainda há a necessidade de incremento de políticas de acesso e permanência para esses estudantes.

Para finalizar esse tópico, consideramos interessante evocar o conceito de *habitus* desenvolvido por Bourdieu. Para Maton (2018) o *habitus*

[...] liga o social com o individual porque as experiências do curso da vida de uma pessoa podem ser únicas em termos de seu conteúdo particular, mas são compartilhadas em termos de sua estrutura com outras pessoas da **mesma classe social, gênero, etnia, sexualidade, ocupação, nacionalidade região e assim por diante**. Por exemplo, os membros da mesma classe social compartilhando por definição, posições estruturalmente semelhantes de relações, processos e estruturas sociais. Cada um de nós é

---

<sup>36</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Borba (2017)

<sup>37</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Pereira (2017)

uma configuração única de forças sociais – mas essas forças são sociais, de modo que mesmo quando somos individuais e “diferentes”, o somos de modos socialmente regulares; (MALTON, 2018, p.78. Grifos nossos.)

Tal compreensão é fundamental quando olhamos para as múltiplas experiências de exclusão e preconceitos, que vão de dimensões de classe até questões de gênero e sexualidade, que, num primeiro momento, parecem tão singulares, mas mantém vínculos sociais indissociáveis.

Esses vínculos sociais possibilitaram a formação das redes de apoio entre os estudantes. Se o problema é coletivo, parece plausível a compreensão de que a solução também perpassa pelas coletividades.

Voltando ao conceito de *habitus*, interessante notar um último relato, presente no trabalho de Nonato (2012). Neste relato, uma bolsista se analisa e expõe como percebe que seu modo de agir é visto negativamente pelo ambiente universitário e profissional:

De amadurecimento, de postura, eu acho que eu tenho que mudar muito meu comportamento, que eu sou muito palhaça sabe? E às vezes eu fico muito sem noção, que eu falo muito as coisas escrachadas como dizem. E às vezes, tem lugares que isso não é bem visto, exemplo, lugar de trabalho. O pessoal da sala falava que gostava muito de mim, só que a coisa que eles assustavam comigo era que eu falava muito palavrão e às vezes falava muito sobre sexo, muito escancarado, o pessoal assustava, principalmente as meninas que são evangélicas. ...Hoje eu vejo que isso é bem real, quando você está bem vestida, está apresentável, o tratamento é outro e eu vejo isso. E eu vejo isso, quando a pessoa é bonita, é bem arrumada, bem maquiada, com o cabelo mais arrumado, ela tem um outro tipo de tratamento, ela tem mais portas abertas do que aquela pessoa que não tá tão bem arrumada. Depois do segundo período pra cá, o pessoal começou a disputar roupa, parece que tem o uniforme de cada curso rs..rs.rs. O pessoal começou a vir de escarpin... E também eu vi que vir de sainha não cabia, né? O pessoal mexia muito, eu comecei a me sentir incomodada, aí eu comecei a me tampar mais, tanto que hoje eu não tenho coragem de vir de saia aqui... Quando eu mudei as vestimentas, eu fui muito mais bem tratada, tive muito mais oportunidade e o pessoal lembrava mais de mim, eu consegui ser mais vista como pessoa dentro do que e aceitável pela sociedade. Entendeu? eu tive mais portas abertas. (NONATO, 2012, p.149)<sup>38</sup>

O relato da bolsista é interessante para exemplificar como o “vínculo entre o indivíduo e o social” não se dá de maneira natural. Os marcadores sociais de gênero, raça, classe, sexualidade, etc – que como vimos se apresentam de maneira entrelaçada, possuem grande peso nesse processo.

---

<sup>38</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Nonato (2012)

### 3.3 – Análise dos resultados: as oportunidades na visão dos prounistas

Assim como no tópico de análise dos desafios, optamos por dividir a análise das oportunidades, separando em duas partes. A primeira tem como foco compreender a rede de apoio, que, como veremos no próximo subtópico, aparece em diversos trabalhos como um fenômeno social positivo na visão dos bolsistas. Como já expomos, diversas categorias analisadas neste trabalho tem a característica de serem divergentes, porém complementares. Isso é necessário para compreender, por exemplo, diversos trabalhos categorizados ao mesmo tempo em “exclusão” e “inclusão”. Os ProUnistas, longe de terem uma visão fechada sobre o programa, aparentemente compreendem que é uma política que trouxe diversos avanços- e isso ficará claro no tópico em que analisamos a inclusão -, mas que, ao mesmo tempo, precisa de aperfeiçoamentos. No tópico da rede de apoio, isso não é diferente: há divergências nas visões dos bolsistas sobre o papel da família. Um mesmo prounista, às vezes, coloca ao mesmo tempo a família como um “obstáculo” e como incentivadora para o ingresso no ensino superior.

#### 3.3.1 – Rede de Apoio

De todos os tópicos analisados nesta dissertação, talvez o mais interessante e pouco compreendido seja este – o da rede de apoio. Como veremos nos trabalhos analisados, o processo de ingresso no ensino superior através do ProUni, a despeito de ser um processo que foque muito no desempenho individual do estudante, visto que o desempenho no ENEM é um dos fatores decisivos para obter a bolsa, se constrói através de acordos coletivos.

Notamos a complexidade desses acordos quando retomamos algumas passagens de entrevistas realizadas com prounistas nos anos de 2018/2019, em que três casos exemplificam esse processo social: o caso de uma prounista que trabalhava em comércio familiar e precisava negociar com a tia para flexibilizar o horário de trabalho para poder estudar para o vestibular; o caso de uma ex-freira que ingressou no ensino superior através do incentivo do convento do qual fazia parte; e o caso de uma prounista do curso de Educação Física que, para ingressar no ensino

superior, pegava emprestado livro de amigos e assistia a vídeos na internet para suprir as deficiências educacionais que teve no ensino básico. Parte dos resultados dessas pesquisas estão publicadas no artigo Pires, Romão e Varollo (2019), em que pontuamos justamente essa não exclusão entre o processo do esforço pessoal e os acordos coletivos.

Observamos nos trabalhos que tais estratégias se realizam através de redes de apoio, que, por sua vez, se subdividem em três categorias: I) apoio familiar; II) apoio entre os pares e III) apoio institucional. Ressalta-se ainda que uma categoria não exclui outra.

### 3.3.2 O apoio da família e amigos

A modernização do Brasil, incrementada através da burocratização racional acentuada pós-revolução de 1930, a despeito de trazer uma maior racionalização das políticas públicas no país (principalmente com a vinculação entre os direitos sociais e o trabalho - através da CLT), ainda permanece uma camada de excluídos, que como bem exemplifica Souza (2018), em seu estudo sobre as desigualdades no Brasil, não possuem as exigências necessárias para obter tais direitos. É o caso principalmente dos camponeses. Na ausência de políticas estatais, normalmente, cabe à família o papel de proteção social, remetendo-se a modelos tradicionais, nos quais o pai de família é o chefe provedor financeiro.

Porém, família e Estado não são instâncias separadas. Quando observamos a elaboração de políticas públicas ao longo de nossa história recente – pós CF-1988, notamos que as alianças entre Estado e Família são constantes. A própria construção dos *welfare states* se deu através dessas alianças, em alguns países com um aspecto mais conservador-cooperativo, como no caso da Alemanha, de Bismarck. (KERSTENETZKY, 2012).

Essa discussão permanece tanto no campo da Sociologia e Ciência Política, como no do Serviço Social. Um exemplo disso é a discussão feita por Mioto, Campos e Carloto (2015) sobre o conceito de “familismo”. Em um dos artigos que compõe o livro das pesquisadoras, Teixeira (2015) levanta a questão de uma reinserção da família nas políticas sociais contemporâneas devido não só ao neoliberalismo que transfere o papel do Estado para a família, como também através das próprias demandas dos movimentos sociais.

A família, dentre as redes de apoio formada pelos prounistas, certamente é a mais complexa. Como veremos nos trabalhos analisados, e como também é de se esperar, não há um padrão entre a relação do prounista com sua família. Alguns trabalhos indicam que essa relação ocorre através de atritos, já que os familiares resistem a esse ingresso no ensino superior e, em outros casos, o processo se dá através do apoio e incentivo dos próprios familiares.

Se por um lado não é possível traçar um padrão de como ocorre essa relação, visto que as questões sociais que envolvem essas redes são diversas e complexas (envolvendo não só as visões de mundo dos familiares, como também as condições econômicas da família, a localização da IES em que o aluno pretende se matricular etc.), por outro é notável que há uma mudança nas relações familiares.

A relação entre o ProUni e a família do bolsista se inicia, pelo menos no nível formal, já quando ele se inscreve, visto que a renda familiar tem peso para obter, ou não, a bolsa. Em sequência, no momento da matrícula exige-se documentação comprovando as condições socioeconômicas da família. E tal relação se estende ao longo de todo o período da graduação, visto que a manutenção da bolsa se dá por comprovações periódicas desses requisitos. Além disso, algumas IES adotam a prática das visitas nas residências dos bolsistas.

Já as relações de amizade, por seguirem ritos sociais diferentes das relações familiares, influenciam de maneira diferente o processo de ingresso e permanência no ensino superior. O que os trabalhos analisados neste tópico indicam é que há dois momentos em que as amizades são impactantes na vida do prounista: antes do ingresso, em que o conhecimento do programa, o incentivo de ingresso no ensino superior e mesmo o material para estudo do vestibular se dá através do círculo de amizade. E um segundo momento que o bolsista forma uma nova rede de amizade já no ensino superior. Normalmente, essa rede é formada por proximidade nos gostos e também entre próprios bolsistas, que, como veremos, criam movimentos políticos, tanto presencialmente através de centro acadêmicos, como de maneira virtual, através de fóruns de discussões. Veremos esses pontos de forma específica nos próximos tópicos.

As redes de apoio, tanto familiares como de amigos, no geral cumprem o papel de suporte material e emocional a esses bolsistas, dando o apoio necessário para que concluam o curso de graduação.

O trabalho de Santos (2012) é evidente nesse sentido: a pesquisadora observou que, em momentos de dificuldade, os prounistas participantes de seu estudo buscavam apoio familiar e entre outros bolsistas. Ferreira (2011) também demonstra em seu trabalho que o apoio familiar é decisivo para os prounistas ingressarem no ensino superior. Quanto ao apoio familiar, Santos (2012) elucida que

Uma primeira constatação é o papel central desempenhado pela própria família dos bolsistas: nos três cursos, eles recorreram principalmente à ajuda de parentes, opção marcada por 48% (n = 78) do total de bolsistas. Através das entrevistas, ficou claro que, além da ajuda financeira para permanência do bolsista na instituição, este apoio também se refere ao incentivo familiar dado ao bolsista para continuar os estudos. (p. 787)

No trabalho de Guzzo e Ribeiro (2017), encontramos essa rede de apoio exercida de maneira virtual. As pesquisadoras basearam seu trabalho em um grupo online no qual prounistas trocavam informações sobre o programa, além de exporem os problemas enfrentados na universidade. Rizzo (2010) também apresenta dados em que os prounistas apontaram que o acesso ao ensino superior possibilitou a ampliação da rede de amigos e contatos.

Exemplos de redes de apoio são os grupos virtuais, principalmente na plataforma Facebook que disponibiliza ferramenta para fóruns de debate, são bem comuns. Especificamente sobre o ProUni, é possível observar grupos com quantidades razoáveis de membros. Destacamos aqui um dos maiores sobre o programa, contando com cerca de 30 mil membros<sup>39</sup> (última verificação: 04/09/2020). Nele, diversos bolsistas do ProUni e candidatos à bolsa trocam informações sobre o programa. Os tópicos normalmente são sobre as principais dificuldades enfrentadas: questões burocráticas relativas à documentação necessária para conseguir a bolsa, auxílios oferecidos pelo governo e IES, período de inscrição, vagas remanescentes etc.

Esses grupos de prounistas também ocorrem de forma presencial, como indica entrevistada no trabalho de Milanez (2016)

Éramos uma panelinha [bolsistas do ProUni] que, assim, fazíamos os trabalhos juntos, estudamos muito juntos, compartilhamos momentos difíceis juntos. [...] Ficamos assim, uma família, temos contato até hoje. (MILANEZ, 2016, p. 144)<sup>40</sup>

---

<sup>39</sup> Link para acesso ao grupo: <https://www.facebook.com/groups/500556663329399/>

<sup>40</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Milanez (2016)

Anhaia (2013) também identificou essa rede entre os prounistas, quando um entrevistado relata que:

Anos atrás, fomos convidados a participar do encontro regional de estudantes ProUni. Acharmos super legal e resolvemos nos reunir para levantar nossas demandas, nos organizar sobre nossa participação... Daí a gente reservou um auditório aqui no campus, estava tudo certo. No dia, a gente chegou um pouco mais cedo e fomos avisados pela secretária do lugar que o DCE da época tinha entrado em contato com eles e conseguiu impedir que nos emprestassem o auditório. Imagina! Mas a gente não desistiu, esperou o pessoal todo chegar e depois fomos para outro lugar. Ficamos ali, perto das árvores e fizemos nossa reunião. (ANHAIA, 2013, p. 168)<sup>41</sup>

Essa rede de amizades formada entre bolsistas estimula inclusive uma mudança de visão de mundo. O trabalho de Silva (2018) é bem enfático nessa questão do círculo de amizades e diversos relatos apontam para o fato de que as relações sociais fomentadas pelo ingresso no ensino superior foram um dos principais ganhos. Destacamos um relato em específico em que o bolsista diz ter desconstruído preconceitos com relação à sexualidade, depois de ter construído amizade com um outro bolsista com orientação sexual diferente da sua.

Em estudo com prounistas de uma instituição do Rio Grande do Sul, Pereira Filho (2011) argumenta que as redes de amigos formadas a partir do ingresso no ensino superior

[...] permitem o conhecimento de novos lugares e convívios sociais, isso aparece quando dizem que comumente estão com amigos nos bares, cafés, pizzarias, lancherias, parques, cinemas, teatros, academias de ginástica, lan house, rodas de chimarrão, ensaios de corais e bandas, baladas GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) e estádios de futebol. Com estas experiências alguns estudantes transitam em diversas cidades (São Leopoldo, Porto Alegre, Sapucaia, Guaíba e outras). Outro aspecto mencionado por alguns bolsistas que têm seus familiares morando em cidades distantes é a sensação de restrição de convívios. Nesta premissa, aparecem bolsistas que diante das restrições terminam construindo estratégias de ação que os possibilitam driblar as regras do jogo, como é o caso das amizades construídas nos interiores dos transportes coletivos (ônibus, vans e lotações em geral), sistematicamente, utilizados nas idas e vindas para a UNISINOS. (Pereira Filho, 2011, p. 63)<sup>42</sup>

---

<sup>41</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Anhaia (2013)

<sup>42</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Pereira Filho (2011)

Vieira (2017) também nota essa possibilidade de ampliação da aceitação do outro que o ensino superior oferece. Em questionário com prounistas, a autora pontuou que estes colocam os amigos como o segundo grupo de maior impacto na aprendizagem (ficando atrás somente dos professores). Na fala dos prounistas, isso se expressa da seguinte forma:

Com meus colegas aprendi que temos que respeitar a opinião do outro, pois ser diferente, ter opinião diferente é normal (CENTRO DE LINGUÍSTICA LETRAS E ARTES, FEMININO) Tenho aprendido com os celgas, com eles há uma grande conexão um ajudando o outro nas horas da necessidade, tirando dúvida que as vezes a gente não entende com o professor. (VIEIRA, 2017, p.126)<sup>43</sup>

Na pesquisa de Bissinela (2017), em que a pesquisadora entrevistou egressos do EJA que atualmente cursam o ensino superior através do ProUni, também captou essa importância da rede de apoio. Entrevistados com idade superior à idade média de alunos de graduação relataram como esses contatos são importantes para a ampliação da visão de mundo:

Fiz muitos amigos na faculdade, a gente se encontrava para estudar. É bom conviver com pessoas que, ao mesmo tempo, ampliam nossa visão de mundo, mas também falam daquilo que é vivido por nós. Vou sentir saudade das nossas conversas no bar, de ficar nervoso no dia da prova. (BISSINELA, 2017, p.109)<sup>44</sup>

Já pesquisas como a de Karnal et al. (2017) apontam que, além do apoio de familiares, professores também demonstram ser um fator importante para o incentivo no ingresso ao ensino superior. Nas palavras de um prounista entrevistado pelos autores:

Então desde pequena eu trabalhava na roça, carpindo mesmo, fazendo o trabalho braçal. E meus pais sempre me incentivaram, assim, dizendo “é, esse trabalho é difícil, então procura estudar”. Sempre tive muito incentivo deles, e eu fui crescendo com esse sentimento. Mas a gente via que na escola (Ensino Médio) os professores incentivavam a fazer faculdade. Era uma coisa pra gente normal, sair do Ensino Médio e já entrar numa graduação. (Karnal et al, p. 440, 2017)<sup>45</sup>

---

<sup>43</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Vieira (2017)

<sup>44</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Bissinela (2017)

<sup>45</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Karnal et al (2017)

Bolsistas entrevistados por Oliveira (2014) tiveram relatos parecidos sobre o efeito da rede de apoio de amigos após o ingresso no ensino superior:

“Os colegas de sala eram muito abertos assim [...] Assim eu fiquei com medo, mas assim, eu tinha um bom relacionamento e um mau relacionamento, mas era uma coisa tão família que eu já entrei já fiz parte porque era muito unida a sala, eu sempre tive na verdade uma... na verdade nessa descobri uma socialização muito bacana assim, que eu sempre me dei muito bem desde então, Mas assim, também vi outra possibilidade o que me abriu a possibilidade foi que ninguém me conhecia assim, eu podia ser o que eu quisesse. Aí, comecei a construir uma outra personalidade praticamente a que eu sou hoje só que bastante reprimida eu era, eu era bastante, ainda até sou acho, e tirando a mascara antiga para colocar uma outra coisa assim.” (OLIVEIRA, 2014, p.132)<sup>46</sup>

Em se tratando do apoio exercido pelo professor, tanto do ensino médio, como do ensino superior – conforme comprovado no trabalho de Silva (2016), esses profissionais desempenham papel fundamental para o enfrentamento das dificuldades no percurso acadêmico. Em todos os trabalhos analisados nessa pesquisa, a grande maioria dos prounistas foram os primeiros membros da família a ter o acesso ao ensino superior. Dessa forma, a referência intelectual muitas vezes ocorre através dos professores. Relato semelhante encontra-se no trabalho de Soares (2017), em que a prounista evidencia o papel dos professores no percurso acadêmico:

[...] o meu grupo me ajudou muito também. Acho que isso é muito importante, os vínculos que a gente estabelece com o grupo, com os professores, eu sempre tive ótimos professores, sempre me ajudaram bastante, eu acho que isso conta para a gente conseguir superar as dificuldades. (SOARES, 2017, p. 83)<sup>47</sup>

Destoando da maioria dos trabalhos analisados, o trabalho de Sotero (2009), que analisa especificamente a inserção do negro no ensino superior, aponta que a maioria dos entrevistados não coloca a família como um grupo incentivador para o ingresso em cursos de graduação, mas sim amigos e professores. A hipótese levantada é de que a questão racial age de maneira central nesse processo, em que a família tem a consciência do racismo estrutural e não cria expectativas quanto ao ingresso no ensino superior. Por outro lado, Sotero (2009) também destaca que, apesar de os entrevistados não terem apontado o grupo familiar como um incentivador

---

<sup>46</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Oliveira (2014)

<sup>47</sup> Trecho de entrevistada no trabalho de Soares (2017)

principal para o ingresso em IES, os mesmos entrevistados colocam o grupo familiar como central quando se pensa na motivação para ascensão social revelando o sentimento de querer mudar de vida e também mudar a vida de sua família. Importante salientar também que o trabalho em questão foi produzido em 2009, anterior a lei de cotas raciais.

A questão familiar se destaca por essa duplicidade. Se por um lado há trabalhos indicando que é um processo dificultoso para famílias de baixa renda sustentar filhos no ensino superior, visto que se trata de um membro a menos com renda para contribuir nas despesas, outros trabalhos apontam que o núcleo familiar é um dos principais incentivadores para a continuidade dos estudos. Prounistas entrevistados no trabalho de Marco (2012) mostraram de maneira bem enfática o apoio familiar para ingresso no ensino superior. Relatos no trabalho de Mongin (2016) pontuam esse incentivo da seguinte forma:

Que eu me lembro meu pai sempre motivou a gente a estudar, nunca disse até quando estudar, se até o segundo grau, eu não me lembro bem ele falando disso, mas sempre falava para estudar. Se precisasse comprar livro, o pouco que ele ganhava ele comprava caderno, o que precisasse. (MONGIN, 2016, p.810)<sup>48</sup>

Uma outra entrevistada do mesmo curso também ressalta esse incentivo:

Fui crescendo, vendo toda empolgação deles. Quando vinham de férias para Vitória, traziam muitos materiais de apresentação de trabalhos, seminários, teatro e coisa e tal. Era tudo muito diferente. Lembro-me que minha prima falava da educação de uma forma empolgante e que ao mesmo tempo eu não entendia direito do que ela estava falando. Hoje quando me lembro do discurso dela, já consigo entender do que estava dizendo naquela época. E dessa forma fui acompanhando a graduação deles. (MONGIN, 2016, p. 811)<sup>49</sup>

Tal resultado se repete no trabalho de Amaral e Oliveira (2011) no qual os prounistas, de forma bem assertiva, pontuam o apoio familiar para continuidade nos estudos. No mesmo trabalho, parte dos prounistas demonstram o desejo de continuarem os estudos também em nível de pós-graduação e pontuam o incentivo para isso. Oliveira (2014), em seu trabalho, demonstra inclusive casos em que a família teve papel importante na escolarização – como um caso em específico em que a mãe de um prounista o iniciou o processo de alfabetização.

---

<sup>48</sup> Trecho de entrevistada no trabalho de Mongin (2016)

<sup>49</sup> Trecho de entrevistada no trabalho de Mongin (2016)

Interessante notar também que, em determinadas situações, o apoio familiar é acompanhado com uma expectativa do que se deve cursar. No trabalho de Alves (2016), um entrevistado pela autora pontuou que, apesar de ter apoio do pai para os estudos, este compreendia o estudo somente até, nas palavras do entrevistado, “um curso profissionalizante”. Discurso parecido encontra-se no trabalho de Milanez (2016) quando uma prounista conta que os pais acreditavam que “... para ganhar dinheiro não é preciso estudar. [...] é possível ganhar bem e ter uma vida legal vendendo cachorro-quente” (p. 134).

De forma geral, compreendemos a rede de apoio como uma exemplificação de que o ingresso e permanência no ensino superior está longe de ser um processo individual e meritocrático. Ao contrário, trata-se de processos de negociações, sonhos e planos familiares; estratégias religiosas materializadas através de projetos sociais na área da educação; grupos e movimentos sociais que não só oferecem cursinhos populares, mas também espaços coletivos para debates sobre problemas enfrentados do percurso acadêmico; e por fim redes institucionalizadas pelas próprias instituições, algumas por conta da visão filantrópica, que oferecem bolsas e estágios a esses prounistas.

### 3.3.3 O apoio institucional

Como mencionado anteriormente, o ProUni é uma política pública, que apesar de se constituir de maneira única, propicia vivências diferentes, de acordo com a instituição em que é aplicado. Dessa forma, algumas instituições possuem outras políticas de permanência, como vale-transporte, moradia, restaurante universitário etc., que proporcionam uma vivência acadêmica diferente em comparação a um prounista de uma IES sem tais assistências. Além disso, o perfil do curso no qual o prounista se insere, aparentemente, impacta em seu percurso acadêmico.

Quando analisamos esse tópico de apoio institucional, é importante ressaltar que, como será demonstrado a seguir, trata-se de um apoio que ocorre por iniciativa das próprias instituições, seja pela forma em que a IES elabora programas específicos para isso, seja por iniciativa de professores que, compreendendo as necessidades específicas dos bolsistas, elaboram estratégias focalizadas para que esse novo perfil de estudante tenha um acesso e permanência menos turbulento no ensino superior.

Nesse sentido, no trabalho de Santos (2012), em que prounistas relataram a importância familiar no processo de ingresso no ensino superior, há relatos sobre o apoio institucional e entre os próprios bolsistas:

A PUC-Rio também ocupa um lugar importante no suporte dado aos bolsistas, tendo sido a segunda esfera de apoio mais procurada pelos estudantes do ProUni (29%, ou 47 casos), principalmente entre os de Psicologia (40%, ou 16 casos). Ajuda de outros bolsistas aparece em terceiro lugar, alternativa escolhida por 25% (n = 41) dos alunos de nossa amostra. Segundo os entrevistados, os próprios bolsistas se reúnem para estudar ou revisar matérias, e, algumas vezes, há troca de livros entre bolsistas de períodos mais adiantados e os que se encontram nos primeiros anos da graduação. (SANTOS, 2012, p. 787)

No trabalho de Estácia (2009), a autora observa que o incentivo para os estudos se deu mais fortemente entre os prounistas de cursos prestigiados (como Medicina) cujos pais tinham o ensino superior. Esse apoio, que se expressa através da leitura por exemplo, decai em cursos com menor prestígio, conforme observa a autora. No mesmo trabalho, Estácia (2009) também pontua a questão do esforço pessoal para que os alunos tivessem o acesso ao ensino superior.

Tal questão também foi levantada no trabalho de Pires, Romão e Varollo (2019) que apontaram que, apesar do enfrentamento das dificuldades no percurso acadêmico se dar de uma forma em que os prounistas precisam “se virar”. Em diversas passagens, os entrevistados pontuam como isso se dá, mencionando o apoio familiar, principalmente, antes do ingresso, o apoio institucional que traz a religião como destaque e a rede de amigos. Sobre este último, há relato de colegas de classe ajudando financeiramente uma entrevistada que passou por uma situação em que havia sido assaltada e não possuía condições financeiras de se sustentar.

De maneira geral, podemos notar que o apoio institucional, apesar de ocorrer em diversas IES e aparecer nos relatos, ainda é residual. Na maior parte dos casos, tal apoio ocorre por empreendimentos bem localizados – um diretor que resolve criar uma rede de acolhimento para novos prounistas; professores que promovem o debate sobre a inserção desse novo perfil de aluno; centros acadêmicos e grupos políticos que promovem ações para amenizar o processo, muitas vezes conturbado, de inserção e permanência...

Todas essas ações são importantes, já que, como vimos, há uma ausência de política de permanência no ProUni. Todavia, seria interessante pensar em um

conjunto de ações coordenadas que se difundissem pelas IES de forma que os bolsistas não dependessem tanto da obra do acaso (visto que algumas instituições adotam tais políticas e outras não).

### 3.4 – Inclusão

As origens das desigualdades sociais é um ponto central nos debates da modernidade. De um lado, posições conservadoras compreendiam a sociedade e suas leis como extensões das leis divinas (Burke, 2001). Apesar de não ter sistematizado em uma obra seus pensamentos políticos, em seus discursos, é explícito o entendimento de que a luta pela igualdade, como estava ocorrendo na Revolução Francesa no momento de seus discursos, só levaria a frustrações, visto que, seguindo sua lógica, os seres humanos são naturalmente desiguais. De outro lado, socialistas marxistas compreendem as desigualdades como fruto da luta de classes. Nesse sentido, as desigualdades sociais modernas são frutos da acumulação primitiva do capital (Marx; Engels, 2005).

No Brasil, a desigualdade é acentuada pela escravidão, que acompanhou boa parte de nossa história. Souza (2012), quando analisa as desigualdades sociais no Brasil contemporâneo, busca a gênese na escravidão e observa o entrelaçamento entre os preconceitos de raça e de classe. O autor argumenta ainda que a elite oligárquica do país boicotou todos os momentos em que o Estado tentou, por meio de políticas públicas, diminuir essa desigualdade.

Souza (2018), em seu estudo sobre a desigualdade no Brasil, pontua também que, mesmo em momentos em que avançamos no desenvolvimento de políticas sociais, sempre houve pessoas que permaneceram invisíveis ao Estado. Exemplo disso é após a revolução de 1930 em que, apesar da Consolidação das Leis Trabalhistas, grande parte dos trabalhadores rurais ainda estavam alheios a esses direitos por não possuírem sequer documentação.

Essa exclusão dos “pobres invisíveis” ainda aparece como um problema a ser superado. Em acompanhamento de fóruns virtuais sobre o ProUni, foi possível notar diversos relatos em que as pessoas não conseguem ter acesso aos documentos necessários, como comprovante de renda, para garantirem a bolsa. De maneira ainda

mais recente, foi possível acompanhar o auxílio emergencial e as diversas notícias de pessoas que não conseguiram o benefício por não terem a documentação exigida<sup>50</sup>.

Dito isso, e compreendendo a desigualdade social como um fenômeno que deixa marcas nas subjetividades dos excluídos, o processo de inclusão no ensino superior tem um papel simbólico, além de material. Nos trabalhos analisados, conforme demonstraremos a seguir, notamos que a obtenção de um diploma de graduação gera um sentimento de satisfação, mesmo quando o beneficiário não tem uma mudança substancial em suas condições econômicas.

De maneira quase unânime, os trabalhos demonstram que os egressos do ProUni têm visões positivas sobre o programa, apesar de identificarem suas fragilidades. Os relatos sugerem que o ensino superior possibilitou uma ampliação na visão de mundo, além de possibilitar uma melhora na qualidade de vida.

#### 3.4.1 Inclusão: Mobilidade social e econômica e a realização pessoal

Para começar a discutir o tópico de inclusão, é importante invocarmos o pensamento de Lahire (2004). O sociólogo francês, em seu estudo sobre casos de sucesso e fracassos escolares, pontua que é comum pesquisadores utilizarem das próprias noções de sucesso e fracasso para impor aos alunos. Compreendemos então como “sucesso” pessoas que completam o ensino superior, ingressam no mercado de trabalho dentro do campo em que se graduou e garantem uma melhora salarial. Mas a realidade, através de pesquisas empíricas, nos mostra que sucesso e fracasso são questões muito mais subjetivas. Temos como exemplo o trabalho de Borges (2018) que, ao entrevistar prounistas de uma universidade comunitária do interior de São Paulo, notou que diversos deles, apesar de não terem tido uma melhora financeira depois de terem se graduado, colocaram que se sentiam mais satisfeitos com os respectivos trabalhos. Ou seja, traduzir a satisfação em algo objetivo, como renda, é algo problemático. Dito isso, na categoria de realização inserimos tanto questões

---

<sup>50</sup> Podemos encontrar isso em notícias que falam sobre os moradores de rua: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/05/05/moradores-de-rua-de-sp-tem-dificuldade-para-sacar-auxilio-emergencial-por-falta-de-rg-poupatempo-esta-fechado-ha-40-dias.ghtml>; e também casos em que as pessoas não possuem comprovação de renda ou residência: <https://www.jornalcontabil.com.br/governo-busca-maneras-de-incluir-os-invisiveis-no-auxilio-emergencial/>

relativas ao financeiro/trabalho, como questões de satisfação com a carreira escolhida. Nos trabalhos analisados, de forma quase unânime, os prounistas pontuaram uma satisfação com o trabalho

Felicetti (2014) levanta isso em seu trabalho ao constatar que mais de 70% dos participantes de sua pesquisa, egressos do ProUni, mostraram-se satisfeitos com o trabalho em que se encontravam no momento da entrevista. Além disso, notou uma correlação positiva entre a satisfação/posição do trabalho e a renda obtida. Nesse ponto o trabalho de Ghelere (2014) é enfático ao sinalizar que 70% dos entrevistados em seu trabalho colocaram que o diploma obtido tem reflexo na melhoria da renda. Lembremos que o Brasil é um dos países que mais oferece retorno salarial para aqueles que possuem diploma universitário. Felicetti (2014) sobre essa questão profissional coloca que

O ProUni está contribuindo para uma melhor formação profissional, pois permite que pessoas oriundas de grupos minoritários tenham acesso a essa formação, intervindo em sua colocação no mercado de trabalho e em sua melhoria de vida. A relação existente entre a formação acadêmica e a questão da melhoria de vida parece ser evidente: "Algumas pessoas acham que sou um exemplo de luta e sucesso, pois nada tinha e hoje sou advogada". (FELICETTI, 2014, p.539)<sup>51</sup>

Uma mudança qualitativa e quantitativa no trabalho também foi relatada no trabalho de Oliveira (2013) em que um bolsista ProUni aponta que

Na época era cobrador de ônibus e foi muito difícil. Graças a Deus fui bem sucedido no curso, fui avaliado na monografia por 4 coordenadores do Curso de Direito e recebi nota máxima com louvor. Hoje sou Advogado, inscrito regularmente na OAB/BAHIA e estou atuando como professor de Direito Constitucional e Direito Administrativo (OLIVEIRA, 2013, p.111)<sup>52</sup>

Podemos notar ainda que há uma relação entre a rede de apoio e satisfação. Isso ocorre pelo fato de que a formação no ensino superior se configura para os familiares do estudante como uma conquista coletiva e, em diversos casos em que o estudante é o primeiro da família a concluir uma graduação, acaba servindo de exemplo e incentivo para que outros parentes também ingressem em cursos

---

<sup>51</sup> Trecho de entrevistada no trabalho de Felicetti (2014)

<sup>52</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Oliveira (2013)

superiores. Tais questões subjetivas, o sentimento de “gratidão” ao programa se expressa na fala da seguinte entrevistada:

As conquistas e/ou perspectivas de uma formação em nível terciário sinalizam melhorias econômicas no contexto familiar e também consolidam o ProUni na sociedade, pois como escrevem alguns egressos: “quanto mais pessoas o utilizarem, melhor será o povo em longo prazo” (E32F); e como afirma outro egresso, “minha família e eu acreditamos que a educação é a base de um mundo melhor. Muito obrigada, ProUni!” (E45F). E outro respondente: “Só a possibilidade de ver o sonho de um realizado já é estimulante, imagine quando esse sonho é coletivo” (E119M). O Programa Universidade para Todos representa a oportunidade de realização do sonho de um grande número de egressos do ensino médio que, sem ele, não teriam perspectivas de realizar um curso de nível superior. (Felicetti, 2014, p.540)<sup>53</sup>

Fala parecida encontramos no trabalho de Milanez (2016), em que o prounista acredita que o acesso ao ensino superior tenha contribuído para ascensão na carreira profissional e, conseqüentemente, resultou em uma melhora na renda familiar. Nas palavras do entrevistado “Eu acho que cresci como pessoa, como profissional, eu conquistei coisas, adquiri conhecimento. Eu acho que ajudei também a galera lá de casa.” (p. 141)

Oliveira (2017) também aponta o impacto familiar do ProUni, uma vez que há relatos de que os familiares de entrevistados se sentem incentivados a continuar nos estudos após ter um primeiro membro da família no ensino superior. Nas palavras de uma entrevistada:

E9: “Assim... é muito importante, por que eu sou a primeira geração da minha família por parte de pai, tipo, a minha família negra mesmo, eu sou a primeira pessoa a ingressar no ensino superior, e ai tipo assim...eu...eu...ah... o PROUNI possibilitou isso né, por que tipo meus avós eles tem até o ensino fundamental I, o meu pai concluiu o ensino médio, mas tipo ele não pode ingressar por que na época que ele concluiu não tinha esses programas sociais né, de...é...como é que se fala...não é nem investimento...é tipo apoio né, que você pode ter essa oportunidade que não tinha”. (OLIVEIRA, 2017, p. 67)<sup>54</sup>

Além disso, a realização também cumpre um papel incentivador para os prounistas continuarem nos cursos. No trabalho de Karnal et al. (2017), um entrevistado pontua que

---

<sup>53</sup> Trecho de fala de entrevistados no trabalho de Felicetti (2014)

<sup>54</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Oliveira (2017)

A minha mochila era uma sacolinha de açúcar, minha mãe amarrava uma sacolinha de açúcar e um cadarço (para ir para a escola). Então eu carreguei isso comigo, sempre dizendo, um dia eu vou melhorar, um dia eu vou estudar, um dia eu vou pra faculdade. É uma visão pessoal minha, sabe? Eu não quero fazer faculdade pra viver sempre no mesmo lugar. Eu quero ir o mais além possível. (KARNAL et al., 2017, p. 442)<sup>55</sup>

Aqui se retoma a concepção do ensino superior como uma possibilidade de mudança de vida. Nesse sentido, é hegemônico nos trabalhos analisados que os prounistas compreendem que o programa foi fundamental para o ingresso no ensino superior e, no geral, demonstram-se animados com o processo. No trabalho de Saraiva e Nunes (2011), os entrevistados observam a realização tanto no aspecto individual-subjetivo, quanto em questões de trabalho, sendo que alguns já se inseriram em posições que consideram melhores do que as que estavam antes da graduação, e outros colocam perspectivas positivas para tal mudança. Nas palavras dos entrevistados:

(21) Quanto ao meu emprego, eu já trabalhava, só que o ProUni me deu uma chance de realizar o sonho de correr atrás de um emprego melhor, e ter condições de concorrer com pessoas que estavam no mercado, de igual para igual. (entrevistado 9) (22) Hoje estou numa posição bem melhor, num serviço mais confortável e que me dá uma expectativa de aprendizado tanto na área que estudo, quanto de melhoria salarial, então houve muita mudança. (entrevistado 10) (23) Eu pretendo ter meu próprio negócio... não quero entrar em nenhuma empresa [...] então estar estudando, serviu para abrir minha mente, ter mais conhecimentos, ter uma visão mais aberta de mundo [...] para ter meu próprio negócio. (entrevistado 6) (SARAIVA ; NUNES, 2011, p. 960)<sup>56</sup>

No trabalho de Borges (2018) e Mongim (2016), em estudo com prounistas, também identificou-se esse desejo de mudança social. Mongim (2016) acrescenta ainda que esse desejo de crescimento é subjetivo, ou seja, não se traduz apenas em questões econômicas – e com isso reforçamos nosso ponto inicial de que os critérios de oportunidades e dificuldades possuem um caráter altamente subjetivo. No mesmo estudo, nota-se, na visão a autora, que essa perspectiva de crescimento está muito mais ligada a questões de posição no local de trabalho do que questões econômicas. Um exemplo disso se evidencia em uma entrevistada do curso de serviço social:

---

<sup>55</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Karnal et al. (2017)

<sup>56</sup> Trecho de entrevistado no trabalho de Saraiva e Nunes (2011)

Trabalhei em comércio. Foram vinte anos de comércio. Eu crescia profissionalmente, mas crescia assim: de caixa passava pra analista de crédito, porque quem não tem o ensino superior não tem muita chance de crescer profissionalmente. Aí foi isso que me motivava também. Eu pensava: não posso ficar toda vida trabalhando no comércio, eu queria crescer (MONGIM, 2016, p. 814) <sup>57</sup>

Amaral e Oliveira (2011), ainda nesse contexto de mobilidade social, ao entrevistarem seis egressos do ProUni, notaram que apenas um entrevistado não estava trabalhando e, quando perguntado sobre a melhora na motivação e autoestima, somente um respondente também negou essa melhora. De acordo com os entrevistados pelos autores, a mudança no trabalho segue-se por uma melhoria psicológica e física também. Nas palavras dos prounistas:

“Ampliou bastante as oportunidades de emprego e felizmente consegui passar no concurso para professor logo após a conclusão do curso. A decisão de mudança e área se deu pela dificuldade que o professor enfrenta hoje em dia com o aluno, além de desrespeito e outros fatores” (respondente A). “Levando em consideração meu atual emprego, onde é necessário ser formada no Ensino Superior, houve sim uma melhora na minha qualidade de vida, pois minha carga horária é muito boa e o salário razoável” (respondente C). “Pois possibilitou um conhecimento mais profundo na área de Informática na qual forneceu a oportunidade de um crescimento profissional considerável” (respondente D). “A função que desempenhava anteriormente, trabalhador informal, exigia grande desgaste físico e psicológico o que comprometeu minha saúde física e mental” (respondente E). “Trouxe melhora na qualidade de vida, pois aumentou o meu piso salarial e subi de classe e nível” (respondente F) (AMARAL e OLIVEIRA, 2011, p. 876) <sup>58</sup>

Já no trabalho de Rizzo (2010) foi comum a percepção de que a mudança de vida entre os pobres só é possível através do estudo.

Quanto à questão da autoestima, podemos observar que os relatos se remetem à expansão do estoque de capital social e cultural, visto que os relatos estão sempre vinculados à possibilidade de viajar, conhecer novas culturas, possibilidade de manter contato com pessoas de diferentes classes sociais e frequentar eventos acadêmicos. Tais questões ficaram evidenciadas nos trabalhos de Ferreira (2016), Fontele (2013), Santana (2010), Bisinella (2017), Marco (2012), Borges (2018), Estacia (2009), Nonato (2012), Alves (2016), Milanez (2016), Silva (2018), Rodrigues (2009), Aranha Neto (2014), Rocha (2015), Pereira Filho (2011), Almeida (2009), Anhaia (2013), Ferreira (2011) e, de forma bem clara, no trabalho de Silva (2016) que ao entrevistar

---

<sup>57</sup> Trecho de entrevistado no trabalho de Mongin (2016)

<sup>58</sup> Trecho de fala de entrevistados no trabalho de Amaral e Oliveira (2011)

uma estudante explica que, apesar de a mesma não estar trabalhando em sua área de formação, percebe que a graduação teve impacto positivo em sua vida:

A egressa informou não estar trabalhando no momento, pois ao ser questionada sobre se sua formação ampliou as oportunidades de emprego e trouxe melhoria em sua qualidade de vida, explicou que apesar de ter cursado o ensino superior ainda não teve a oportunidade de se inserir no mercado de trabalho. Entretanto, afirma que após a sua formação sentiu mudanças em sua motivação e autoestima, e inclusive sua formação motivou familiares a iniciarem ou prosseguirem em seus estudos. Quanto à opinião da egressa sobre se o curso superior proporcionou oportunidades de experiências culturais e profissionais, concordou que sim, e que escolheu o curso que desejava. (SILVA, 2016, p. 79)

Prounistas relatam a Soares (2017) essa modificação, através da possibilidade de cursar o ensino superior, também nas relações pessoais:

O meu relacionamento com as pessoas mudou, na família, com os amigos, com o namorado mudou, porque antes a gente acabava aceitando tudo, depois que entrei na graduação a gente vê que não é desta forma e a gente entra com aquele senso crítico, rebatendo tudo. (SOARES, 2017, p. 79)<sup>59</sup>

Na pesquisa de Vieira (2017), observamos que os prounistas ao responderem questionário sobre os principais aprendizados que a universidade proporcionou, também acentuam as aprendizagens de relações sociais/relacionais e afetivas.

Já prounistas entrevistados por Anhaia (2013) colocam essa mudança da seguinte forma:

Tem uma receptividade muito maior, né? “Ah, mas qual teu grau de escolaridade?”... Tu é um mero formado do ensino médio. Agora o cara pergunta: “Qual teu grau de escolaridade?” e eu digo: “Sou acadêmico”, é um status social. As pessoas já te vêem com outros olhos. Até numa questão de emprego, as pessoas não vão te oferecer um salário tão depressivo porque tu tá estudando para receber pelo que tu estudou. Como cientista tu tem um nível, tu vai contribuir cientificamente para todo mundo, né? Tu é um pesquisador, o trato com as pessoas é outro (ANHAIA, 2013, p.173)<sup>60</sup>

Nalin (2018), em estudo de caso com uma professora da educação básica, observa que esta buscou o ProUni para uma ascensão econômica, mas encontrou no ensino superior uma forma de ampliar as possibilidades de atuação em sala de aula, além de tornar-se mais crítica sobre questões sociais:

---

<sup>59</sup> Trecho de fala de entrevistada no trabalho de Soares (2017)

<sup>60</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Anhaia (2013)

os motivos que levaram a docente que atuava na Educação Básica a buscar a formação na Educação Superior como bolsista ProUni, foi, a princípio, de apenas agregar aumentos econômicos ao seu plano de carreira, com vistas a sua aposentadoria como profissional da educação pública. Os resultados encontrados ao finalizar este estudo comprovam que a egressa se caracteriza como alguém que acumulou novos conhecimentos, novas abordagens, novas metodologias, ressignificou experiências educativas e reconstruiu saberes e fazeres educativos no decorrer da sua formação inicial como professora em exercício e beneficiada pela bolsa do ProUni. Assim, o agregar aumento salarial passou a ser mais um entre o novo conjunto de saberes construídos e reconstruídos pela docente. (p. 141)

Outros trabalhos, como o de Felicetti (2018) ao analisar carreiras específicas, nesse caso as licenciaturas, demonstram qualitativamente que egressos do ProUni se mostram satisfeitos com a escolha do curso, pontuando inclusive que teriam escolhido o mesmo curso caso tivessem a opção de “voltar no tempo” e prestar novamente o vestibular.

Assim como a permanência foi um dos fatores levantados quase que de forma unânime no tópico de desafios, a questão da inclusão também foi quase unânime quando olhamos para as oportunidades oferecidas pelo ProUni. Em um primeiro momento, podemos considerar os aspectos já mencionados quando observamos para a realização também como um fator de inclusão – quando falamos sobre emprego, ampliação de acesso às atividades culturais e expansão das redes de contato, por exemplo.

Mas, para além desses fatores mencionados, o que foi possível notar nos trabalhos é um sentimento de gratidão ao programa. Os entrevistados diversas vezes expõem que sem o ProUni não haveria a possibilidade do ingresso no ensino superior.

Entrevistados por Borba (2017) colocam que

Flávia\*: Eu sou muito agradecida assim, porque eu tenho consciência que é, eu não conseguiria estar na faculdade se não fosse a bolsa, ainda mais num curso como direito que não é uma coisa barata; no turismo não conseguiria, no direito muito menos. Então eu sou bem agradecida assim, eu dou muito valor, sei lá assim eu me pressiono muito né, tipo ‘ah eu tenho que fazer valer essa bolsa aqui né, vamo estuda, vamo ter uma nota boa’. Acho que sei lá, o maior sentimento é de gratidão mesmo, porque é uma oportunidade quase que única né?!

Entrevistadora: E tu acha que tu faria a tua graduação sem bolsa?

Anderson\*: Na PUC não, de modo algum, não tem menor chance assim. Mensalidade do curso de Psicologia é quase três mil reais, tá em dois mil e oitocentos se não me engano, só a mensalidade sabe?! Isso é o que a minha mãe ganha, sei lá em quatro meses [de trabalho]. (BORBA, 2017, p. 97)<sup>61</sup>

---

<sup>61</sup> Trecho de fala de entrevistados no trabalho de Borba (2017)

Sentimento parecido é expresso por entrevistada no trabalho de Pereira (2017):

[...] Teve horas que eu queria desistir, porque eu não conseguia, então eu falo que o prouni me salvou muito, foi a única coisa que me fez não desistir nesse período que a gente estava muito apertado, com dívidas. (PEREIRA, 2017, p. 62)<sup>62</sup>

No mesmo caminho, Pereira Filho (2011), em entrevista com prounistas de uma instituição sem fins lucrativos, aponta que

Bolsistas resumem e dizem que o ProUni é: “simplesmente demais”, um verdadeiro “golaço do governo”, “nota 10”, “chegou em ótima hora”, é a “entrada pela porta da frente”, “um empurrão inicial para uma longa caminhada de aprendizado e concluem ser o “melhor programa de inclusão social” ou também “o melhor programa de incentivo à educação”, em suma, consideram alguns que é “dos movimentos do governo que melhor emplacou”. Por fim, existem os que declaram conhecer muito pouco - “só o que está escrito no meu contrato de bolsista” – sobre o ProUni, mas admitem que “sem ele não cursaria uma faculdade”. (PEREIRA FILHO, 2011, p. 64)

Já um entrevistado por Milanez (2016) conta que somente através do ProUni conseguiu superar as barreiras financeiras para o ingresso no ensino superior:

A ideia da faculdade estava sempre na minha cabeça, mas assim que eu terminei o ensino médio e tudo mais, ainda não tinha condições financeiras de fazer esse curso. Eu comecei a trabalhar. [...] fui juntando dinheiro já com essa ideia, só que sempre que eu fazia mas minhas contas, nunca fechava, então ainda não dava para fazer. Até que eu conheci o ProUni e aí eu vi uma possibilidade (MILANEZ, 2016, p. 137)<sup>63</sup>

Prounistas entrevistados por Estacia (2009) mencionam inclusive um sentimento que tinham de que o ProUni não funcionaria, mas ao conseguirem a bolsa mudam a percepção do programa e passam a ter um sentimento de gratidão ao programa. Relatos com temas próximos também encontramos no trabalho de Rocha (2015) no qual uma entrevistada coloca que o programa é um caminho para tornar o ensino superior menos elitizado. Os entrevistados também declaram que foi através do ProUni que conseguiram ter acesso à graduação e se sentem gratos ao programa por isso.

Há relatos também nos quais prounistas se sentem gratos ao programa pelo fato de ele possibilitar o ingresso no ensino superior para pessoas que residem no

---

<sup>62</sup> Trecho de fala de entrevistados no trabalho de Pereira (2017)

<sup>63</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Milanez (2016)

interior, onde não há universidades públicas. Dessa forma, o programa possibilita que esses alunos ingressem em IES particulares, mas sem pagar a mensalidade. Essa questão pode ser encontrada em relato de prounista no trabalho de Oliveira (2017):

E1: “A minha visão é ótima por que como estudante, como sou do interior, eu via o ensino superior, pra mim, impossível, por que desde quando eu terminei o ensino médio eu disse ‘eu só vou fazer uma faculdade se for Federal ou se for mesmo por bolsa, por que eu não tenho condições’. Minha visão é ótima assim, com a existência do PROUNI sou muito feliz pela criação desse programa. As repercussões na minha vida futura são ótimas, eu aproveito o máximo dessa oportunidade que eu tive de ganhar essa bolsa de 100%. O que eu mais digo é que o mais difícil eu já consegui que é ter o ensino superior, ter a graduação, e o que vem depois é a consequência, que eu vou atrás. Vou atrás de crescer, de procurar outra bolsa, de crescer tanto financeiramente, de crescer nos conhecimentos. A repercussão futura do PROUNI vão ser as melhores, pretendo crescer muito como pessoa, é um programa que foi criado, que tem suas falhas sim, mas a minha visão é ótima, só de crescimento”. (OLIVEIRA, 2017, p. 72)<sup>64</sup>

Pires, Romão e Varollo (2019), Borges (2018) e Romão (2018) em trabalhos que tem a intersecção entre o ProUni e o PBF notam inclusive que o sentimento de gratidão ao ProUni é “superior” ao PBF, vinculando muito mais a trajetória escolar à aquele programa. Interessante ainda que, no trabalho de Borges (2018), encontramos o dado que apesar dos prounistas ex-beneficiários do PBF terem uma ascensão econômica mais tímida do que de beneficiários apenas do ProUni, esses têm uma percepção que a mudança foi superior, principalmente devido as mudanças de visão de mundo. Relato parecido encontramos no trabalho de Anhaia (2013).

Conforme observado, a maioria dos trabalhos mostram que os prounistas possuem uma visão positiva do programa, demonstrando um sentimento de agradecimento ao mesmo. Contudo foi possível também encontrar visões críticas ao programa, de forma bem explícita na fala de um entrevistado no trabalho de Rodrigues (2009):

“Não sei se eles fazem o ProUni realmente por causa das pessoas, acho que é muito mais por causa dos votos. Tanto que todo mundo fala, todos os partidos falam que vão manter. E se tivesse essa preocupação com as pessoas eles melhorariam o ensino. Embora e ache o projeto muito bom, acho que ele sozinho, ele caba ficando sem perna, digamos assim, ele deveria viabilizar a melhoria do ensino.” (RODRIGUES, 2009, p. 47)<sup>65</sup>

---

<sup>64</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Oliveira (2017)

<sup>65</sup> Trecho de fala de entrevistado no trabalho de Rodrigues (2009)

No mesmo trabalho, há outras críticas em relação ao programa, principalmente em relação a sua limitação de promover a democratização do ensino superior. As críticas tecidas pelos entrevistados se assemelham às feitas por Catani, Hey e Gilioli (2006) que pontuam as limitações do programa, o caráter privatizante da educação implícito nele além de julgarem que o programa foi construído desde sua formulação através das disputas políticas de atores sociais envolvidos.

No trabalho de Neves (2011), diversos prounistas demonstraram visões positivas sobre o programa, como observamos:

P1 - Democratização é o ProUni em si. Onde você busca através de programas pessoas que não tinham condições financeiras nenhuma de chegar até lá. Então democratizar o ensino superior é buscar essas pessoas através de doar, para aquelas pessoas que core atrás. Eu estudei, eu lutei pra chegar até onde eu estou hoje. Nada me foi dado. P2 - Pra mim o significado seria a liberdade pra todo mundo ter. Seria esse céu aberto pras pessoas, como nós, necessitadas de ensino superior que não temos dinheiro pra pagar a faculdade de agora poder está aqui no auge da nossa vida [...] P3 - - [...] Então essa democratização pelo ProUni, pra mim significa que estou fazendo parte de um grupo que na verdade está sendo privilegiado, é um projeto limitado, e os outros? P4 - Vamos dizer que seja assim, uma oportunidade maior, de conseguir o que eu não podia porque com o salário que eu ganhava, eu não conseguia pagar as mensalidades, então o ProUni abriu um leque pra eu conseguir e suprir essa necessidade que eu tinha de ingressar na faculdade. P7 - Democratização é a democracia. O governo está buscando essa democratização através do ProUni dando essa chance pra muita gente cursar o ensino superior sem pagar. Isso é a verdadeira democratização. P8 - - Democratização é uma forma de dar uma oportunidade pra todos. Pena que as vagas sejam poucas. O governo está demonstrando a democratização através do ProUni porque aí as pessoas podem ter a chance de cursar o ensino superior sem pagar ou pagando só a metade. Claro que o ideal é não pagar porque aqui na faculdade a gente tem algumas despesas extras e pesa no orçamento. Mas essa democratização é muito válida. (NEVES, 2011, p. 105)<sup>66</sup>

Tais falas indicam inclusive uma compreensão do programa como um avanço em direção à democratização do ensino superior.

---

<sup>66</sup> Trecho de falas de entrevistados no trabalho de Neves (2011)

## Considerações finais.

As Ciências Sociais possuem a característica de historicamente lidarem com temas que ainda estão postos como problemas de maneira paralela ao seu estudo. Estudar uma política pública vigente se insere nesse contexto. Durante a produção desta dissertação bolsistas novos ingressaram no programa, bolsistas se formaram e estudantes perderam a bolsa. Dessa forma, qualquer ambição de postular uma consideração final estática sobre um programa em movimento seria um pouco presunçoso.

A compreensão da política pública como o Estado em ação exige a modificação do olhar sobre a política de acordo com a mudança ideológica dos que gerenciam a burocracia estatal. Por exemplo, analisando o ProUni e o FIES, podemos encaixá-los dentro de um movimento de financeirização do Ensino Superior. Todavia, movimentos sociais de esquerda defenderam os programas pelo fato de a conjuntura política se configurar de tal forma que a defesa desses programas seria uma tática progressista. Fosse o Brasil um país socialista, com o ensino superior totalmente estatal, certamente a posição dos mesmos grupos políticos seria outra.

Dito isso, consideramos que essa pesquisa contribui para o campo na qual se insere por sistematizar a percepção que os prounistas têm sobre o programa e sobre si mesmos no decorrer de suas formações acadêmicas. Acreditamos ainda que, compreender que os desafios e oportunidades suscitados pelo programa se vinculam - de maneira que os desafios são os geradores das oportunidades e vice-versa, seja um caminho interessante para analisar um programa complexo e que proporciona experiências tão diversas.

Como era de se esperar, visto que o Prouni não tem uma política ampla de permanência estudantil, a dificuldade mais recorrente levantada pelos prounistas nos trabalhos analisados foi a de permanência. Notamos que permanecer na graduação é um processo complexo, que não pode ser resumido apenas em fatores econômicos. Ligado a isso analisamos a exclusão, que, apesar de ter sido analisada em um tópico separado da permanência, está intimamente ligado a este tópico. De maneira geral, foi possível compreender que os prounistas, ao entrarem em um ambiente novo, o universitário, sentem-se deslocados. Os dados indicaram que essa transição para o ensino superior se dá através da criação de um “vácuo” de pertencimento, em que os

prounistas não se sentem mais pertencentes aos seus locais de origem, mas também não se sentem inclusos no ambiente acadêmico.

As redes de apoio que os prounistas integram parecem se formar justamente para enfrentar o problema da permanência e da exclusão. Não que tais redes se formem racionalmente para isso, mas as condições sociais impelem que essas organizações sejam formadas. Tais redes vão desde as relações familiares, que, em algumas falas, apresentam-se de maneira positiva através do apoio e, em outras, aparecem de maneira um pouco mais complicadas, até os movimentos sociais formados dentro da própria IES, em que os prounistas formam não só grupos de defesa da política, mas também fóruns de debate.

Mas, se experiências relatadas pelos prounistas são tão diversas que nos permitiram criar categorias tantas quanto o número de trabalhos analisados, o sentimento de realização com o ingresso no ensino superior foi unânime. Poderíamos argumentar que uma visão positiva sobre cursar o ensino superior se daria apesar do ProUni e não, pelo ProUni. Mas, o fato é que essa gama de estudantes entrevistados pelos mais diversos pesquisadores do país só conseguiu o ingresso no ensino superior através do programa – e, em diversas falas, confirmam que sem o Prouni, não conseguiriam acessar um curso de graduação.

Como mencionamos no início da dissertação, esta pesquisa percorreu um caminho não-linear. Inicialmente, o objetivo da pesquisa era um e se modificou de modo a chegar neste. Fazendo um exercício de adivinhação, consideramos que o caminho que a pesquisa tomou a tornou mais rica do que ela seria caso tivesse seguido seu trajeto inicial.

Devido ao tempo de realização de uma pesquisa de mestrado, diversas questões aqui levantadas ainda podem ser aprofundadas – e em nível pessoal pretendo continuar meus estudos sobre algumas questões levantadas, em nível de doutorado.



## Referências:

ABDAL, Alexandre; NAVARRA, Julia. **"Uni por Uni, eu escolhi a que era do lado da minha casa"**: Deslocamentos cotidianos e o acesso, a permanência e a fruição da universidade por bolsistas do ProUni no Ensino Superior privado. *Novos estud. - CEBRAP*, São Paulo, n. 99, p. 65-87, July 2014. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002014000200065&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002014000200065&lng=en&nrm=iso)>. access on 29 Aug. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002014000200004>.

ALVES, Tamyres Gaby. **ProUni: revolução simbólica na vida dos beneficiários**. Dissertação de mestrado. UNESP. 2016.

AMARAL, Daniela Patti do; OLIVEIRA, Fátima Bayma de. **O Prouni e a conclusão do ensino superior**: novas trajetórias pessoais e profissionais dos egressos. *Ensaio: aval.pol.públ.Educ.*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 73, p. 861-890, Dec. 2011. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362011000500008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362011000500008&lng=en&nrm=iso)>. access on 08 Sept. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362011000500008>.

ALMEIDA, Maria Aparecida de. **Universidade para todos: o PROUNI na visão dos bolsistas de uma instituição de ensino superior**. 2009. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2009.

ALMEIDA, Wilson Mesquita de. **Ampliação do acesso ao ensino superior privado lucrativo brasileiro: um estudo sociológico com bolsistas do Prouni na cidade de São Paulo**. 2012. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/T.8.2012.tde-11122012-103750. Acesso em: 2020-07-12.

ALMEIDA, Wilson Mesquita de. Os Herdeiros e os bolsistas do ProUni na cidade de São Paulo. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 36, n. 130, p. 85-100, mar. 2015. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302015000100085&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302015000100085&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 12 jun. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/ES0101-73302015139538>.

ANHAIA, Bruna Cruz de. **Educação superior e inclusão social**: um estudo comparado de duas ações afirmativas no Brasil: dos debates à prática. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. 2013.

ARANHA NETO, Marineide de Oliveira. **Compreendendo a dinâmica de inclusão e/ou exclusão de alunos bolsistas do ProUni**. 2014. 187 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

BISSINELA, Patrícia Borges Gomes. **Trajetórias de egressos da EJA na transição para o ensino superior**: um estudo a partir do PROUNI (Caxias do Sul 2005-2014). Dissertação de Mestrado. Universidade de Caxias do Sul. 2017.

BORBA, Thamires Mielle. **Desigualdades na educação superior : acesso e permanência de bolsistas ProUni na PUC-RS**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2017

BORGES, Renato Gonçalves. **Egressos do ProUni de uma Universidade do Interior do estado de São Paulo do ano de 2008 até o ano de 2016**: trajetórias de ex-bolsistas do Programa Bolsa Família. 2018. 160p. Dissertação( Programa de Pós-Graduação em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP.

BORGHI, Idalina Souza Mascarenhas. **Uma margem outra: itinerâncias de jovens das classes populares na educação superior**. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia. 2014

BOURDIEU, Pierre (org). **A Miséria do Mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Escritos de Educação**. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (org.) Petrópolis: Vozes, 1998.

CATANI, Afrânio Mendes; HEY, Ana Paula; GILIOLI, Renato de Sousa Porto. PROUNI: democratização do acesso às Instituições de Ensino Superior?. Educ. rev., Curitiba , n. 28, p. 125-140, Dec. 2006 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602006000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602006000200009&lng=en&nrm=iso)>. access on 19 Jan. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602006000200009>.

DUARTE, Emerson RODRIGUES et al . **Estudo de caso sobre a inclusão de alunos com deficiência no Ensino Superior**. Rev. bras. educ. espec., Marília , v. 19, n. 2, p. 289-300, June 2013 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382013000200011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382013000200011&lng=en&nrm=iso)>. access on 01 Sept. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382013000200011>.

DURKHEIM, E. **O suicídio, estudo de Sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ESTACIA, Maria Aparecida Tagliari. **Alunos do ProUni da Universidade de Passo Fundo**: trajetórias, percepções/sentimentos e aproveitamento acadêmico. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2009

FELICETTI, Vera Lucia. **Comprometimento do aluno ProUni**: acesso, persistência e formação acadêmica. Rev. Bras. Estud. Pedagog., Brasília , v. 95, n. 241, p. 526-543, dez. 2014 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-)

66812014000300005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29 ago. 2020.  
<https://doi.org/10.1590/S2176-6681/301911955>.

FELICETTI, Vera Lucia. **Egressos das licenciaturas: o que move a escolha e o exercício da docência.** Educ. rev., Curitiba , v. 34, n. 67, p. 215-232, Feb. 2018 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602018000100215&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602018000100215&lng=en&nrm=iso)>. access on 12 Oct. 2020.

FERREIRA, Sônia Andréa Pimentel Rodrigues. **As repercussões do PROUNI na vida profissional dos egressos da UNAMA.** 2016. 191 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Belém, 2016. Programa de Pós-Graduação em Educação.

FERREIRA, Karin Terrell. **PROUNI: trajetórias.** 2011. 166 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

FERREIRA, N. S. de A. **As pesquisas denominadas “estado da arte”.** Educação & Sociedade, v. 23, n. 79, p. 257-272, 2002

FONTELE, Tereza Lúcia Lima. **PROUNI: uma reflexão sobre o, a voz de beneficiários do programa.** 2013. 105f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior, Fortaleza (CE), 2013.

FONTELE, Tereza Lúcia Lima; CRISOSTOMO, Vicente Lima. **PROUNI - pontos controversos sob a análise de alunos bolsistas.** Avaliação (Campinas), Sorocaba , v. 21, n. 3, p. 739-766, nov. 2016 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-40772016000300739&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772016000300739&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 31 ago. 2020.  
<https://doi.org/10.1590/S1414-40772016000300005>.

GHELERE, Lutiele da Silva. **O perfil do bolsista Prouni da UNESC : entre os limites e as possibilidades do ensino superior.** Dissertação de Mestrado. Universidade do Extremo Sul Catarinense-UNESC. 2014.

HERINGER, Rosana. **Democratização da educação superior no Brasil: das metas de inclusão ao sucesso acadêmico.** Rev. bras. orientac. prof, Florianópolis , v. 19, n. 1, p. 7-17, jun. 2018 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902018000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902018000100003&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 31 dez. 2020.  
<http://dx.doi.org/10.26707/1984-7270/2019v19n1p7>.

KARNAL, César Leonardo et al . **Fatores de proteção em estudantes bolsistas do Programa Universidade para Todos.** Psicol. Esc. Educ., Maringá , v. 21, n. 3, p. 437-446, Dec. 2017 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572017000300437&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572017000300437&lng=en&nrm=iso)>. access on 08 Sept. 2020.  
<https://doi.org/10.1590/2175-35392017021311169>.

KERSTENETZKY, Celia Lessa. **O Estado do Bem-Estar Social na Idade da Razão**: A reinvenção do estado social no mundo contemporâneo. Rio de Janeiro – RJ: Elsevier, 2012.

KINZO, Maria D'alva Gil. Burke: a continuidade contra a ruptura. In Weffort, Francisco (org). **Os Clássicos da Política 2**. Editora Ática, 2º Volume, 10ª Edição. São Paulo – SP. 2001.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares. As razões do improvável**. 1ª edição, 2ª impressão. São Paulo: Editora Ática, 2004.

LEITE, Rozangela da Piedade. **O processo de formação de identidade de estudantes negros que ingressaram no ensino superior pelo sistema de cotas do ProUni**: a questão da ação afirmativa. 2009. 178 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

LIRA, Átila de Melo. Avaliação do Programa PROUNI na Faculdade Santo Agostinho. 2010. 44f. Dissertação (mestrado profissional em economia do setor público - Piauí) - Programa de Pós Graduação em Economia, CAEN, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2010.

MACIEL, Carina Elisabeth; CUNHA JUNIOR, Mauro; LIMA, Tatiane da Silva. **A produção científica sobre permanência e evasão na educação superior no Brasil**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 45, e198669, 2019. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022019000100580&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022019000100580&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 27 ago. 2020. Epub 26-Set-2019. <https://doi.org/10.1590/s1678-4634201945198669>.

MARCO, Beatriz Di. **Prouni: influências sobre a inclusão social dos seus egressos**. 2012. 82 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

MARX, Karl; ENGELS, Friederich. **Manifesto Comunista**. Boitempo, 4ª Reimpressão. São Paulo – SP. 2005.

MARQUES, Eugenia Portela de Siqueira. **O Programa Universidade para Todos e a inserção de negros na educação superior** : a experiência de duas Instituições de Educação Superior de Mato Grosso do Sul - 2005 - 2008. 2010. 269 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

MATON, Karl. Habitus. In: Pierre GRENFELL, Michel (org.) **Bourdieu: Conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

MELLO NETO, Ruy de Deus e. **Não vou me adaptar**: um estudo sobre os bolsistas pernambucanos durante os 10 primeiros anos do Programa Universidade Para Todos - ProUni. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/T.48.2015.tde-18082015-112537. Acesso em: 2020-08-31.

MILANEZ, Gabriel Gustavo Tosoni. **Trajetórias pós-ProUni: um estudo sobre egressos do Programa Universidade Para Todos na cidade de São Paulo.** 2016. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/D.8.2016.tde-02122016-125328. Acesso em: 2020-09-05.

MIOTO, R. C.; CAMPOS, M. S.; CARLOTO, C. M. (Orgs.). **Familismo, direitos e cidadania: contradições da política social.** São Paulo: Cortez, 2015

MONGIM, Andrea Bayerl. **Itinerários de escolarização e mediações subjacentes: a experiência de discentes beneficiários do Prouni.** Ensaio: aval.pol.públ.Educ., Rio de Janeiro , v. 24, n. 93, p. 804-823, Dec. 2016 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362016000400804&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362016000400804&lng=en&nrm=iso)>. access on 29 Aug. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362016000400002>.

NALIN, Jaime Antonio. **A educação superior na formação do professor em exercício na Educação Básica pública: um estudo de caso do benefício do Prouni.** Tese de Doutorado. Universidade La Salle. 2018.

NEVES, Darci Martins. **A permanência de bolsistas ProUni no curso noturno de Pedagogia do Centro Universitário do Norte (UNINORTE/LAUREATE).** Rio de Janeiro, 2011. 129p. Dissertação de Mestrado. Departamento de Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

NONATO, Brascia Franco. **Sentidos da experiência universitária para jovens bolsistas do ProUni.** Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

OLIVEIRA, Alessandra dos Santos. **A dimensão subjetiva da desigualdade social: um estudo sobre a escolha do curso universitário entre os alunos bolsistas do Programa Universidade para Todos - ProUni.** 2014. 249 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

OLIVEIRA, Edna Imaculada Inácio de. **Política pública para o acesso ao ensino superior: o ProUni no contexto do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – UNILESTE-MG.** Dissertação de Mestrado. UNISINOS. 2009

OLIVEIRA, Edna Imaculada Inácio de; MOLINA, Rosane Maria Kreuzburg. **A ampliação da base social da educação superior no contexto do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais: o caso do ProUni.** Rev. Bras. Estud. Pedagog., Brasília , v. 93, n. 235, p. 743-769, Dec. 2012 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-66812012000400011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812012000400011&lng=en&nrm=iso)>. access on 31 Aug. 2020. <https://doi.org/10.1590/S2176-66812012000400011>.

OLIVEIRA, Patrícia Alves de Oliveira. **PROUNI: avaliação das contribuições do Programa para a Educação Superior na perspectiva de alunos contemplados pelo programa na cidade de Fortaleza-Ceará.** 2017. 101f. – Dissertação

(Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Avaliação de Políticas Públicas, Fortaleza (CE), 2017.

PEREIRA, Edmilson Peralva. **Estudo de caso: impacto do PROUNI nos alunos egressos do Centro Universitário Estácio/FIB Salvador-Ba.** Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Salvador. 2013.

PEREIRA, Sandra Regina Soares. **As desigualdades sociais e o acesso ao ensino superior: o que pensam os beneficiários do ProUni.** 2017. 217 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

PEREIRA FILHO, Ednaldo da Silva. **Perfil de jovens universitários bolsistas do ProUni: um estudo de caso na UNISINOS.** Tese de Doutorado. UNISINOS. 2011

PIRES, A.; RIBEIRO, M. de O. **Produções bibliográficas sobre o programa Universidade Para Todos (ProUni) entre 2005 e 2018: desenho do programa; perfil dos ingressantes; permanência e egressos.** Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 20, p. e020035, 2020. DOI: 10.20396/rho.v20i0.8657166. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8657166>. Acesso em: 27 dez. 2020.

PIRES, André; ROMAO, Paulo Cesar Ricci; VAROLLO, Victor Marques. **O Programa Bolsa Família e o acesso e permanência no ensino superior pelo Programa Universidade para Todos: a importância do “eu me viro”.** Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, v. 24, e240020, 2019. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782019000100222&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782019000100222&lng=en&nrm=iso)>. access on 30 Aug. 2020. Epub June 27, 2019. <https://doi.org/10.1590/s1413-24782019240020>.

RIBEIRO, Flávia de Mendonça. **Consciência dos ProUnistas sobre sua inserção no ensino superior.** 2013. 138 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2013.

RIZZO, Lupércio Aparecido. **Entre a realidade e a possibilidade: prouni e a dinâmica inclusão/exclusão.** Dissertação de Mestrado. Universidade Nove de Julho. 2010.

ROCHA, Cleonice Silveira. **Por que eles abandonam? evasão de bolsistas PROUNI dos cursos de licenciaturas.** Tese de Doutorado. UNISINOS. 2015.

RODRIGUES, Bianca Aguiar Rodrigues. **PASSAR É FÁCIL, CONTINUAR É QUE É DIFÍCIL...: A PERMANÊNCIA DE ALUNOS BOLSISTAS NA PUC-RIO.** Dissertação de Mestrado. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO - PUC-RIO, 2009.

SARAIVA, Luiz Alex Silva; NUNES, Adriana de Souza. **A efetividade de programas sociais de acesso à educação superior: o caso do ProUni.** Rev. Adm. Pública,

Rio de Janeiro , v. 45, n. 4, p. 941-964, Aug. 2011 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-76122011000400003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122011000400003&lng=en&nrm=iso)>. access on 31 Aug. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0034-76122011000400003>.

SANTANA, Gabriella Cristina da Silva. **O programa universidade para todos: percepções de estudantes de pedagogia do Distrito Federal.** 2009. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

SANTOS, Clarissa Tagliari. **Ações afirmativas no ensino superior: análise do perfil socioeconômico e da experiência universitária de bolsistas do ProUni na PUC-Rio.** Rev. Bras. Estud. Pedagog., Brasília , v. 93, n. 235, p. 770-790, Dec. 2012 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-66812012000400012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812012000400012&lng=en&nrm=iso)>. access on 29 Aug. 2020. <https://doi.org/10.1590/S2176-66812012000400012>.

SILVA, Gizane Pereira da. **Aquisição de capital social dos bolsistas autodeclarados negros no contexto do Programa Universidade Para Todos.** 2018. 137 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

SILVA, Thiago Aparecido Gomes da **PROUNI: política pública de acesso ao ensino superior – um estudo sobre a possibilidade de atenuação das desigualdades sociais com os egressos de uma instituição de educação superior privada de Brasília.** Dissertação de Mestrado, UNISINOS, 2018

SOTERO, Edilza Correia. **Negros no ensino superior: trajetória e expectativas de estudantes de administração beneficiados por políticas de ação afirmativa (ProUni e Cotas) em Salvador.** 2010. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/D.8.2010.tde-12032010-124322. Acesso em: 2020-10-31.

SOUZA, Jessé. **A gramática social da desigualdade brasileira.** Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo , v. 19, n. 54, p. 79-96, fev. 2004 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092004000100005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092004000100005&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 09 dez. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092004000100005>.

\_\_\_\_\_. **A ralé brasileira: quem é e como vive.** 3ª edição ampliada. Colaboradores: André Grillo et al. – São Paulo: Editora Contracorrente. 2018

SOUZA, Pedro Herculano Guimarães Ferreira de. **A desigualdade vista do topo: a concentração de renda entre os ricos no Brasil, 1926-2013.** 2016. 377 f., il. Tese (Doutorado em Sociologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

\_\_\_\_\_. **Uma história da desigualdade: a concentração de renda entre os ricos no Brasil (1926-2013).** São Paulo: Hucitec. 2018

VIEIRA, Karina Sales. **Estudantes universitários de uma instituição privada e suas relações com o saber : de espectadores a protagonistas**. 2017. 215 f. Dissertação (Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

## Apêndices

### 1- Modelo ficha de leitura

<b>Fichamento - Dissertação</b>	
<b>Título do trabalho:</b>	
<b>Autor(es):</b>	
<b>Ano:</b>	
<b>Oportunidade(s):</b>	<b>Base em que o trabalho foi encontrado:</b>
<b>Dificuldade(s):</b>	
<b>PALAVRAS-CHAVE:</b>	
<b>Técnica de pesquisa:</b>	
<b>Estado em que a pesquisa foi realizada:</b>	
<b>Categoria administrativa da IES pesquisada:</b>	
<b>Foco da pesquisa:</b>	
<b>Passagens do texto que exemplifiquem as oportunidades e/ou dificuldades:</b>	